

Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

**Construção da autonomia: A motricidade fina e as
aprendizagens escolares**

Vera Alexandra da Silva Caixinha

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof.^a Doutora Maria Helena Martins

«Construção da autonomia: A motricidade fina e as aprendizagens escolares»

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

Vera Alexandra da Silva Caixinha

Nome

Copyright © - Vera Alexandra da Silva Caixinha. Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação e Comunicação.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

No decorrer de todo o relatório foram muitas as pessoas que estiveram ao meu lado, que me ajudaram e que me deram a mão em todos os momentos, dando-me força e alegria e, sem as quais não teria sido possível chegar aqui. O meu obrigado sincero a todos, ainda que pareça pouco.

- À Doutora Maria Helena Martins, minha orientadora, por ter aceitado o pedido para orientar este relatório, por toda a sua orientação, assim como por todos os conselhos.

- À Doutora Maria Helena Horta, professora e supervisora da Prática de Ensino Supervisionada, pela disponibilidade sempre mostrada, por todos os conselhos sempre pertinentes e por ter estado presente em todas as etapas deste percurso.

- À educadora cooperante pela oportunidade de desenvolvimento desta investigação e pela disponibilidade e cooperação na implementação das estratégias.

- Ao grupo das 26 crianças que foram incansáveis. Um grupo sempre motivador e cheio de vontade para realizar qualquer tipo de atividades. Com elas aprendi e cresci muito ao longo destes meses todos. Obrigada por serem as crianças encantadoras que são. Aos pais por terem estado disponíveis, cooperando no desenvolvimento da atividade, sem os quais não teria sido possível desenvolver parte da mesma.

- À minha parceira e grande amiga, Rita Ferreira, sem a qual tudo teria sido mais complicado. Obrigada por estares ao meu lado em todos os momentos, por ter tido a oportunidade de partilhar as minhas alegrias contigo e por termos crescido juntas nesta, tão importante, etapa das nossas vidas. Juntas, lado a lado, foi mais fácil. Foi deveras importante ter-te sempre comigo.

- Aos meus pais, Rosalina e Manuel, por todo o esforço. Obrigada por terem lutado comigo, por estarem sempre ao meu lado. Sem vocês não teria sido possível, de forma alguma. Foram o grande pilar e espero dar-lhes tanto orgulho, como toda a alegria que sempre tiveram para me proporcionar ao longo de toda a minha vida. Por tudo o que são na minha vida.

- Ao meu irmão, Sérgio, pela coragem que sempre me passou, por todas as palavras motivadoras que sempre teve para me dar. Será sempre o meu exemplo a seguir. Um obrigada é pouco por tudo o que significa na minha vida. À minha cunhada Sílvia por todas as palavras de motivação e de coragem que sempre tem para me dar.

- Aos meus sobrinhos, embora pequenos e sem noção do quão importante foram nesta caminhada, sempre me deram força em todos os momentos, com um sorriso, um abraço ou uma brincadeira. Todos os momentos passados com eles serviram para recargar energias e ficar de coração cheio.

- A todos os meus familiares que sempre estiveram comigo, seja longe ou perto, e que acompanharam todo o meu percurso. São parte daquilo que sou.

- Aos meus amigos de sempre por estarem ao meu lado em todos os momentos e por fazerem parte da minha vida. Obrigada por me apoiarem em todas as minhas decisões, por me darem a mão, por caminharem ao meu lado e por estarem sempre lá. Os momentos partilhados valem ouro e servem sempre para me deixar de coração cheio, sorriso no rosto e alma leve. São amigos de todas as ocasiões que estão lá para tudo... são verdadeiros!

- À Eunice Santos e à Elsa Martins por terem entrado na minha vida nesta etapa importante. É com grande alegria que digo que partilhei esta fase da minha vida com elas, na qual fizeram toda a diferença. Obrigada por todos os momentos, por todas as palavras de apoio, por todas as alegrias e por todas as lágrimas que nos fizeram crescer juntas. Sem vocês não teria sido igual, de longe. Agradeço do fundo do coração por vos ter encontrado e por ter o privilégio de vos chamar de amigas.

Resumo

O presente relatório enquadra-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar, desenvolvida num jardim de infância localizado na cidade de Olhão e que decorreu durante o período de 17 de novembro de 2014 a 13 de maio de 2015.

Para dar resposta à questão de partida definimos uma metodologia que se baseia na abordagem de investigação de natureza qualitativa.

Primeiramente, foi necessário conhecermos o grupo e ter uma visão das suas necessidades educativas. Uma vez que estávamos a desenvolver o nosso estudo com um grupo de finalistas e o mesmo revelava necessidades a nível da motricidade fina, sendo esta particularmente importante para a nova fase que se segue, e por isso desenvolvemos estratégias nesse sentido.

Partindo das necessidades sentidas, as estratégias definidas tiveram como objetivo a promoção do desenvolvimento da autonomia, criando situações de responsabilidade por outrem, e promovendo, ainda, o desenvolvimento das habilidades motoras finas, tendo em vista a sua importância para as aprendizagens escolares futuras. Uma das atividades implementadas, e que se apresenta no presente relatório, decorreu em torno da introdução da boneca Maria, no grupo de crianças.

A análise aos resultados do presente estudo permite concluir que as estratégias implementadas contribuíram para o desenvolvimento das crianças, destacando-se uma evolução bastante positiva nas atividades relacionadas com a motricidade fina. Os resultados mais significativos dizem respeito a “consegue vestir e despir a boneca”, em que apenas uma criança ainda revela dificuldade, a “consegue calçar a boneca”, em que existe uma evolução de 15 crianças e a habilidade “ata os atacadores”, em que o dobro das crianças é capaz de realizar essa habilidade motora.

Assinala-se ainda a importância do desenvolvimento da autonomia, possibilitando que a criança se torne um ser independente, capaz de realizar as suas tarefas do dia-a-dia, sendo que, para as aprendizagens escolares futuras é necessário o desenvolvimento das capacidades motoras, neste caso, a motricidade fina. O desenvolvimento destas capacidades será, assim, uma mais-valia ao longo de toda a sua formação, tendo em atenção as aprendizagens escolares em que a motricidade fina é imprescindível.

Palavras-chave: jardim de infância; educador; construção da autonomia; motricidade fina; aprendizagens escolares.

Abstract

The following report is part of the Supervised Teaching Practice of the Masters Degree in Pre-scholar Education and was developed in a kindergarten located in the city of Olhão throughout the period between November 17th 2014 and May 13th 2015.

In order to provide an answer to start up question, we defined a methodology based upon a qualitative investigation.

First, it was necessary to know the group and obtain a vision of their educational needs. Because we were developing our studies with a senior year group and they revealed needs at fine motor skills level, being particularly important for the upcoming stage, we developed strategies in that sense.

Starting from the needs we have observed, the strategies that were defined were able to promote the construction of autonomy development, by creating situations of responsibility for others and also promoting the development of fine motor abilities regarding their importance for future learning. One of the activities implemented, and which is presented in this report, took place around the introduction Doll Maria, the group of children.

The analysis of the results of this study shows that the strategies implemented have contributed to the development of children; stands out a very positive evolution in the activities related to fine motor skills. The most significant results concern "can dress and undress the doll", where only one child still reveals difficulty, "can put the shoes on the doll," where we can observed the evolution of 15 children, and the ability "can tie the shoelaces", where twice as many children are able to accomplish this motor skill.

It's important that the child may become an autonomous being and being able to resolve the daily tasks. In order to successfully resolve some tasks it is necessary to acquire a development in their motor skills, in this case, fine motor skills. The development of all those capacities will become a valued asset throughout all the formation process, especially within the scholar learnings in which the fine motor skills are indispensable.

Key words: kindergarten, educator, autonomy construction, fine motor skills, scholar learnings

Índice geral

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Índice geral	vi
Índice de figuras.....	vii
Índice de gráficos	ix
Índice de apêndices	ix
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento teórico-concetual	3
1. Definição de conceitos: a construção da autonomia	3
1.1. A autonomia nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.....	5
2. Autonomia e desenvolvimento da motricidade fina.....	6
2.2. A motricidade nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar	9
Capítulo II – Metodologia.....	11
1. Natureza do estudo	11
2. Problemática	12
3. Objetivos.....	12
Objetivo geral:.....	12
Objetivos específicos:.....	12
4. Participantes no estudo	13
5. Procedimentos metodológicos	13
5.1. Análise documental	13
5.2. Observação.....	13
5.3. Observação direta.....	14
5.4. Observação participativa	14
5.5. Observação indireta.....	15
5.6. Notas de campo.....	15
6. Procedimentos éticos (informação escrita e consentimento informado dos encarregados de educação).....	16
Capítulo III – Estratégias de intervenção implementadas.....	17
1. Introdução da boneca.....	17

2. Observação direta das crianças em atividade dirigida	18
3. Exploração da boneca Maria em contexto sala de atividades	18
4. Ida da boneca Maria a casa das crianças	18
4.1. Mapa das idas a casa (registo).....	19
4.2. Mochila com os acessórios da Maria	20
4.3. “O meu livro”	20
Capítulo IV – Apresentação e análise interpretativa dos dados	21
1. Diagnóstico	21
2. Análise documental	22
3. Processo e resultados de cada estratégia implementada	23
3.1. Introdução da boneca	23
3.2. Primeira observação direta das crianças em atividade dirigida	24
3.3. Exploração da boneca Maria em contexto de sala de atividades	26
3.4. Ida da boneca Maria a casa das crianças	28
3.5. Segunda observação das crianças em atividade dirigida	32
Conclusões.....	35
Reflexão final	38
Referências	40

Índice de figuras

Figura 1 – A boneca Maria.....	24
Figura 2 - Crianças com a Maria na biblioteca	27
Figura 3 - Crianças com a boneca Maria	28
Figura 5 - Mochila da Maria.....	30
Figura 6 - Livro da boneca Maria – “O meu livro”	32
Figura 7 - Boneca sem roupa vista de frente.....	71
Figura 8 - Boneca vista de trás.....	71
Figura 9 - Boneca com roupa.....	71
Figura 10 - Boneca com a mochila às costas	71
Figura 11 - Calças de fato de treino simples.....	73
Figura 12 -- Leggings	73
Figura 13 – Calças de fato de treino com cordão	73
Figura 14 – Calças de ganga.....	73
Figura 15 - Botão de mola e fecho das calças de ganga.....	73
Figura 16 - Camisola.....	74
Figura 17 - T-Shirt.....	74

Figura 18 - Camisola com botões.....	74
Figura 19 - Botões da camisola	74
Figura 20 - Casaco com fecho	74
Figura 21 - Casaco com botões	74
Figura 22 - Roupa interior	75
Figura 23 - Roupa interior	75
Figura 24 - Ténis cor de rosa com atacadores e fecho.....	75
Figura 25 - Ténis azuis com atacadores e fecho	75
Figura 26 - Cinto.....	75
Figura 27 - Acessórios para o cabelo.....	75
Figura 28 - Texto sobre a Maria.....	77
Figura 29 - Modelo das páginas do livro	77
Figura 30 – Página 1	77
Figura 31 – Página 2	77
Figura 32 – Página 3	77
Figura 33 – Página 4.....	77
Figura 34 – Página 6.....	77
Figura 35 - Página 5.....	77
Figura 36 – Verso página 6	77
Figura 37 – Página 7	77
Figura 38 – Verso página 7	77
Figura 39 – Página 8.....	77
Figura 40 – Página 9.....	77
Figura 41 – Página 10.....	77
Figura 42 – Página 11	77
Figura 43 – Verso página 11	77
Figura 44 – Página 12	77
Figura 45 – Verso página 13	77
Figura 46 – Página 13	77
Figura 47 – Página 14	77
Figura 48 – Verso página 14	77
Figura 49 – Página 15.....	77
Figura 50 – Página 16.....	77
Figura 51 – Verso página 16	77
Figura 52 – Página 17	77
Figura 53 – Página 18.....	77
Figura 54 – Verso página 18	77
Figura 55 – Página 19	77
Figura 56 – Página 20.....	77
Figura 57 – Página 21	77
Figura 58 – Página 22	77
Figura 59 – Verso página 22	77
Figura 60 – Página 23	77
Figura 61 – Página 24	77
Figura 62 – Página 25	77

Figura 63 – Verso página 25	77
-----------------------------------	----

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Primeira observação direta	25
Gráfico 2 – Segunda observação direta	33

Índice de apêndices

Apêndices	42
Apêndice I – Grelha de observação direta (habilidades motoras finas)	43
Apêndice II – Grelha de observação direta - notas de campo.....	47
Apêndice III – Documento informativo aos encarregados de educação	49
Apêndice IV – Consentimento informado aos encarregados de educação	51
Apêndice V – Grelha de observação direta - primeira observação	54
Apêndice VI - Grelha de observação direta – segunda observação.....	58
Apêndice VII - Nota de campo: dia 3 de fevereiro de 2015	62
Apêndice VIII - Nota de campo: dia 11 de março de 2015.....	64
Apêndice IX - Nota de campo: dia 17 de abril de 2015	66
Apêndice X – Nota de campo: dia 20 de abril de 2015	68
Apêndice XI – A boneca.....	70
Apêndice XII – Acessórios da Maria.....	72
Apêndice XIII – “O meu livro”	76

Introdução

O presente estudo foi desenvolvido em contexto da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar, numa instituição Particular de Solidariedade Social situada na cidade de Olhão, em contexto de jardim de infância no decorrente ano letivo de 2014/2015. Teve como temática «Construção da autonomia: A motricidade fina e as aprendizagens escolares».

A escolha do tema do nosso relatório recaiu nas necessidades sentidas pelo grupo no que diz respeito às habilidades motoras finas. Na maioria, as crianças apresentavam dificuldades em realizar algumas atividades onde eram necessárias as capacidades motoras finas. Outro dos aspetos tidos em atenção foi o facto de ser um grupo de finalistas do Pré-Escolar, pelo que no próximo ano letivo iniciarão uma nova fase no 1º Ciclo, em que estas capacidades serão imprescindíveis.

Neste sentido, Da Fonseca (1989) defende que «(...) a motricidade intervém em todos os níveis do desenvolvimento das funções cognitivas, na percepção e nos esquemas sensório-motores, substratos da imagem mental, das representações pré-operatórias e das operações propriamente ditas.» (p.153).

Assim, cabe ao educador proporcionar situações e experiências às crianças para que estas se desenvolvam em todos os níveis cognitivos, percetivos e nos esquemas sensório-motores. É nesta etapa da vida, o Pré-Escolar, em que as crianças devem ter contato com o maior número de estratégias, que as desenvolvam a todos os níveis, sendo fulcral para todo o seu processo de formação futuro.

Com a implementação das estratégias definidas pretendemos dar resposta ao nosso objetivo geral, promovendo o desenvolvimento das capacidades da motricidade fina e da construção da autonomia/responsabilidade da criança, com vista às suas aprendizagens escolares futuras.

O relatório encontra-se estruturado por capítulos. O primeiro diz respeito ao enquadramento teórico-concetual, o qual se encontra dividido em dois pontos. No primeiro ponto é desenvolvido o conceito de autonomia, tendo um subponto sobre o que é apresentado nas Orientações Curriculares para a Educação em Pré-Escolar referente à autonomia. Um segundo ponto é dedicado à autonomia e ao desenvolvimento da

motricidade fina, tendo, também, um subponto sobre o que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar preconizam sobre a motricidade.

O segundo capítulo é referente à metodologia adotada, sendo este estudo uma investigação de natureza qualitativa. Neste capítulo abordamos a natureza do estudo, apresentamos a problemática e mencionamos os objetivos, geral e específicos. É realizada seguidamente uma descrição dos participantes do estudo e são ainda explicitados os processos metodológicos utilizados.

No terceiro capítulo descrevemos as estratégias de intervenção implementadas.

No quarto, e último capítulo, apresentamos e analisamos de forma interpretativa o diagnóstico realizado ao grupo, a análise realizada ao Projeto Educativo de Escola e ao Projeto Curricular de Grupo e, ainda, todos os dados obtidos em cada uma das estratégias implementadas.

Nas conclusões do estudo é realizado o balanço de todo o procedimento da atividade, realçada a importância no desenvolvimento da criança, é realizada uma reflexão sobre o papel do educador e são apresentados e analisados os resultados obtidos.

Por último, na reflexão final referimos o quão enriquecedor foi o presente estudo, quer a nível pessoal como profissional. É ainda salientada a influência que teve em todo o processo de aprendizagem da estagiária.

Capítulo I - Enquadramento teórico-concetual

1. Definição de conceitos: a construção da autonomia

A autonomia é a capacidade que um indivíduo tem para deliberar os seus objetivos e de agir, assim, em função deles. Para Piaget (1994) a autonomia é caracterizada como a capacidade de coordenação de diferentes perspetivas sociais com o pressuposto do respeito recíproco. Autonomia é, pois, o contrário de heteronomia, que significa que o indivíduo é governado por outro(s).

Segundo a teoria de Piaget (1994), o desenvolvimento moral da criança desenrola-se através de três estágios. No primeiro estágio, conhecido como anomia (crianças até 5 anos), a questão da moral não se coloca, sendo que as normas da conduta são fundamentalmente determinadas pelas necessidades básicas. Assim, a criança não tem consciência das regras e cumpre-as de forma inconsciente, isto é, quando as regras são obedecidas, são seguidas mais pelo hábito e não por uma consciência do que é certo ou errado. No segundo estágio, moral heterónoma (crianças até 9, 10 anos de idade), a criança passa a compreender a regra cumprindo-a. O que é certo para a criança é o cumprimento da regra e, qualquer interpretação diferente, não corresponde a uma atitude correta. Por último, no terceiro estágio, pensamento moral autónomo, a criança a partir dos 9, 10 anos de idade age a partir de uma certa norma, tendo consciência da mesma e avaliando o seu contexto. Para que tal seja possível, a criança terá de perceber os sistemas de regras em que está inserida. Assinale-se que o respeito pelas regras é gerado por meio de acordos mútuos. É a última fase do desenvolvimento moral.

A construção da autonomia é um processo pelo qual a criança passa em que se vai diferenciando do “outro”, evidenciando as suas características individuais. Implica que o indivíduo consiga pensar de forma autónoma, sem que o sentimento de obrigatoriedade se deva à coação do adulto e ao respeito unilateral, isto é, passa a ser interior ao indivíduo e não depende de orientação externa (Piaget, 1994). Apesar de ser um processo do indivíduo, todo o ambiente e as pessoas que estão à sua volta servem de base para o seu desenvolvimento. Este processo inicia-se no ambiente familiar, com a família, alargando-se, seguidamente, para o meio escolar. Assim, os progenitores desempenham um papel muito importante no desenvolvimento da autonomia dos filhos, ao providenciarem condições para que as crianças tenham as suas experiências mais diversificadas (Montandon, 2005).

Não obstante tal, é a criança que deve conduzir o seu próprio conhecimento tendo por base a sua ação. Assim, todos os pares envolvidos, pais, educadores e auxiliares devem proporcionar à criança oportunidades para que esta possa autorrefletir, manifestando os seus interesses.

De acordo com a teoria de vinculação de Bowlby (2002), as figuras de vinculação servem como uma base segura, a partir das quais a criança parte para uma exploração de todo o meio envolvente, dependendo, assim, de uma maior ou menos automatização como consequente da qualidade desses vínculos primitivos.

Segundo Bowlby (2002), a autoconfiança e, consequentemente, a autonomia, traduzem-se em contar com o apoio dos outros para que seja possível, assim, construir a sua própria autonomia.

É importante que a criança seja capaz de tomar as suas próprias decisões, de refletir sobre as suas ações e ter a oportunidade de resolver os seus conflitos sozinha. É neste sentido que Kamii (2006) referenciando a teoria de Piaget, salienta três princípios no domínio socioafetivo, nomeadamente: i) encorajar a criança a tornar-se progressivamente autónoma frente aos adultos; ii) encorajar as crianças a interagir e a resolver os seus conflitos; iii) e encorajar a criança a ser independente e curiosa, a tomar a iniciativa na prossecução dos seus interesses, a ter confiança na sua capacidade de fazer uma ideia própria das coisas a exprimir as suas ideias com convicção, a acabar com os seus medos e as suas angústias de maneira construtiva e a não se desencorajar facilmente. É fundamental que a criança sinta este clima de apoio para o seu desenvolvimento enquanto ser autónomo.

«Assim, a autonomia é afetiva, social, moral e intelectual, simultaneamente. Quando um indivíduo utiliza, ou não, a sua inteligência, isso depende, numa grande medida, da forma como ele se sente capaz de fazer a sua própria ideia das coisas, do prazer que tem na procura de interesses intelectuais e da forma como sente os seus erros.» (Kamii, 2006, p. 65/66).

O ambiente na sala de jardim de infância deve ser promissor a uma aprendizagem e a um desenvolvimento autónomo, ou seja, a criança desde cedo deve ter à sua disposição materiais e situações em que possa desenvolver a sua autonomia, dependendo apenas de si, como por exemplo a livre escolha das atividades. O papel do adulto é o de encorajar a criança a resolver os seus conflitos sozinha e a orientá-la para refletir sobre os mesmos. O adulto deve ficar atento à atividade da criança para que possa orientá-la, permitindo assim a construção da autonomia. Sendo o adulto a base

para a autonomia da criança, este deve saber qual o momento para intervir e qual o momento para abrir espaço para a ação da própria criança, ou seja, «O melhor ambiente escolar é aquele em que existem ocasiões de escolher e decidir» (Kamii, 2006, p. 57).

1.1. A autonomia nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Com o objetivo de compreender de que modo a autonomia se espelha nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) foi realizada uma análise das mesmas.

O documento encontra-se dividido pelas diferentes áreas de conteúdo e pelos respetivos domínios. Existem três grandes áreas: Área de formação pessoal e social, área de expressão e comunicação e a área do conhecimento do mundo. Apesar das OCEPE estarem elaboradas de forma interdisciplinar, destaca-se a área de formação pessoal e social onde existe maior foco sobre a autonomia.

«A Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida.» (Ministério da Educação, 1997, p.51)

A relação estabelecida entre o educador e a criança revela-se bastante importante em todo o processo de construção da criança, supondo «um apoio ao processo de crescimento em que cada criança e o grupo se vão tornando progressivamente mais independentes e autónomos» (Ministério da Educação, 1997, p.53)

Cabe ao educador favorecer a autonomia das crianças tendo em atenção o saber-fazer que se torna fundamental para a sua independência e para uma maior autonomia, existindo uma oportunidade de escolha e de responsabilidade.

Segundo o Ministério da Educação (1997), é também no Pré-Escolar e nas rotinas do dia-a-dia que a criança vai adquirindo maior independência. Esta começa a dominar determinados saber-fazer, tais como: «vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.» (p.53) «e também ser capaz de utilizar melhor os materiais e instrumentos à sua disposição» (p.53). Estes são fatores relevantes na construção da própria independência. Cabe, assim, ao educador proporcionar momentos que estimulem a criança enquanto ser independente.

Nesta construção da independência da criança é fundamental que o educador esteja desperto para «uma apropriação do espaço e do tempo que constitui a base de uma progressiva autonomia» (Ministério da Educação, 1997, p.53), ou seja, o meio envolvente é uma condicionante neste processo. Um espaço que lhe permita escolher, preferir, tomar decisões e encontrar justificação para as suas escolhas é propício à construção da autonomia.

«A construção da autonomia supõe a capacidade individual e colectiva de ir, progressivamente, assumindo responsabilidades» (Ministério da Educação, 1997, p.53)

2. Autonomia e desenvolvimento da motricidade fina

O desenvolvimento da motricidade nas crianças torna-se essencial para todas as atividades que vão ser realizadas, posteriormente, a nível escolar. Mesmo antes das crianças entrarem para o Pré-Escolar, a criança já adquiriu uma série de habilidades motoras básicas. Com a entrada para o Pré-Escolar, todas essas habilidades já adquiridas devem ser desenvolvidas estimulando novos progressos no desenvolvimento e proporcionando novas aprendizagens.

Como os autores Papalia, Olds e Feldman (2001) referem «As crianças entre os 3 e os 6 anos fazem grandes progressos nas competências motoras – tanto as *competências motoras grossas*, como correr ou saltar, como as *competências motoras finas*, como abotoar e desenhar.» (p. 286). As crianças aprendem e desenvolvem-se manipulando objetos. É através das mãos que descobrem o Mundo, assim como do meio que as rodeia. Exploram e desenvolvem novas aquisições. Por exemplo, uma criança aos 3 anos salta num só pé, mas utilizando saltos irregulares com algumas variações. Aos 4 anos já consegue dar quatro a seis saltos num só pé. E, aos 5 anos consegue facilmente saltar num só pé uma distância de 5 metros. Existiu, assim, um desenvolvimento da motricidade e também uma aquisição de novas habilidades motoras.

Desde cedo deve ser desenvolvida a motricidade, quer a motricidade global, quer a motricidade fina. A motricidade global diz respeito aos grandes músculos e a motricidade fina, na qual se irá focar o presente estudo, diz respeito aos pequenos músculos. A habilidade motora fina envolve os pequenos músculos, como já foi

referido, requerendo uma maior atenção por parte da criança. A motricidade fina «desenvolve-se com base na percepção, organização e representação espaço- temporal que possibilita um aumento progressivo da dominância lateral e do controlo dos movimentos manipulativos (...)» (Condessa & Fialho, 2008, p.20). O desenvolvimento da motricidade revela-se assim extremamente importante, para todas as crianças, nas aprendizagens posteriores.

Tal como Neto (1995) menciona, é a partir dos movimentos simples (os que implicam grandes músculos) para os movimentos mais complexos (os que implicam pequenos músculos) que a atividade motora evolui.

Como é referido por Papalia, Olds e Feldman “As *competências motoras finas*, tal como apertar os cordões dos sapatos, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar, envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos.” (2001, p.287) o que permite à criança ganhar uma maior responsabilidade por si própria. Nestas atividades de apertar os cordões dos sapatos, abotoar uma camisa, etc, as crianças estão a ser responsabilizadas para os cuidados do seu próprio corpo.

Da Fonseca (1989) refere ainda que «a autonomia crescente e a independência em relação ao meio é operada pelo movimento interiorizado, introjectado e integrado, através do qual o indivíduo assume a noção de um ser distinto, motor, pois é pela resolução mais ou menos favorável dos conflitos e das situações-problema que se processa a maturação orgânica.» (p.171), ou seja, a criança desenvolve a sua autonomia e independência através da sua maturação orgânica, sendo um ser motor capacitado para resolver conflitos.

Todas as atividades que desenvolvem a motricidade das crianças contribuem para o conhecimento e domínio do próprio corpo. «A liberdade é uma conquista. É o movimento que possibilita e assegura sucessivamente a autonomia e a independência.» (Da Fonseca, 1989, p.172).

A psicomotricidade, não só contribui para o desenvolvimento global da criança, como para uma base fundamental em todo o processo de aprendizagem dos indivíduos. Os elementos básicos de psicomotricidade (esquema corporal, estruturação espacial, lateralidade, orientação temporal e pré-escrita) são particularmente importantes para que a criança adquira noções e conhecimentos. Algum problema num destes elementos pode afetar a aprendizagem. Assinale-se que estes problemas podem ser ao nível da escrita, da leitura, na direção gráfica, na distinção de letras, no pensamento abstrato e lógico, entre outras aprendizagens.

A educação infantil tem um papel importante no processo de desenvolvimento da psicomotricidade, pois é nesta etapa que a criança adquire as suas primeiras experiências que a levam a conhecer o seu próprio corpo. Permite ainda que a criança tome consciência do seu próprio corpo, como das possibilidades de se exprimir com ele.

Segundo Scansetti, (2005) a partir da maturação do sistema nervoso, onde a criança começa a modificar os movimentos reflexos pelos movimentos de locomoção e de manipulação, a criança passará a construir uma motricidade que mais tarde, com mais idade e através de elementos culturais, será influenciada.

Com o simples ato de pegar num brinquedo, a criança está a desenvolver a sua motricidade. É importante trabalhar a motricidade desde cedo e em todos os níveis da Educação Infantil. É fundamental, a motricidade fina, no processo de escrita.

A educação Pré-Escolar permite à criança manusear um lápis, o que será fundamental em todo o processo de aprendizagem da escrita. Esta habilidade está diretamente ligada a várias atividades realizadas no contexto de sala de atividades, como por exemplo o desenho, pintar.

A coordenação motora é a capacidade de coordenar movimentos decorrentes da interação entre o cérebro e as unidades motoras dos músculos e articulações. Esta coordenação é trabalhada no manuseamento de objetos. Assim a criança deve ter à sua disposição vários materiais, como: massa de modelar, materiais que possam ser rasgados, colados, materiais riscadores para desenhar/pintar livremente, entre outros.

Tanto a coordenação motora como a destreza são fundamentais para a aquisição de aprendizagens escolares. A orientação do próprio corpo e do espaço é outro fator importante no sucesso das aprendizagens da leitura e da escrita, pois a criança deverá ter a orientação direita-esquerda como facilitadora nas suas aprendizagens. O educador deve ter o cuidado de proporcionar às crianças atividades que estimulem um trabalho de pré-leitura, uma vez que «o trabalho psicomotor terá como objetivo proporcionar-lhe uma motricidade espontânea, coordenada e rítmica, que será o melhor aval para evitar problemas de disgrafia» (Le Boulche, 1988, p.33).

Num nível mais elevado, a leitura é «(...) feita graças a uma sucessão de movimentos oculares bruscos e ritmados, orientados obrigatoriamente da esquerda para a direita» (Le Boulch, 1988, p.33).

Em idade Pré-Escolar, as crianças começam por realizar tentativas de escrita, que vão sendo aperfeiçoadas com a prática da técnica, assim como os movimentos utilizados no processo, até chegar ao grafismo. Assim, cabe ao educador proporcionar

momentos que envolvam as destrezas da coordenação fina com o intuito de aperfeiçoar o grafismo. Le Boulch (1988) defende que «As dificuldades motoras específicas, envolvidas pela aquisição da praxia complexa que é a escrita, exigem um trabalho especial da coordenação fina da mão e dos dedos, que só será dominada após vários anos (p.60).

Uma outra área onde a motricidade influencia nas atividades do 1º Ciclo é a Matemática. A distinção das diferentes formas geométricas é feita pela criança através da exploração e manipulação das mesmas. No Pré-Escolar a criança explora os objetos através do tato, sendo assim «Põe em evidência a importância do tato para distinguir a linha curva da linha reta, a presença de ângulos e, mais tarde, as dimensões» (Le Boulch, 2001, p.123).

Um bom desenvolvimento das habilidades motoras influencia o desenvolvimento de aprendizagens escolares. As noções que as crianças adquirem e constroem em idade Pré-Escolar tornam-se fundamentais em todo o seu processo de aquisição de aprendizagens escolares. Deste modo, o educador deverá proporcionar e desenvolver atividades neste sentido (desenvolvimento da motricidade fina) para que a criança, futuramente, tenha sucesso nas suas aprendizagens no 1º Ciclo.

2.2. A motricidade nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Depois de analisar as OCEPE, verificou-se que a motricidade está inserida no domínio da expressão motora.

Segundo o Ministério da Educação (1997), referindo o desenvolvimento motor da criança «(...) a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo» (p. 58)

Com a exploração dos diferentes movimentos do corpo e com a tomada de consciência em relação ao exterior realça-se a sua importância para com a área da Matemática. «É situando o seu próprio corpo que a criança apreende as relações no espaço relacionadas com a matemática» (Ministério da Educação, 1997, p.58)

A manipulação de objetos revela-se, também, fundamental no desenvolvimento da motricidade fina. «O desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim de infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos» (Ministério da Educação, 1997, p.59). A sala de atividades é bastante rica em diversos objetos que podem e devem ser manipulados pelas crianças, por isso cabe «(...) ao educador tirar partido das situações, espaços e materiais que permitam diversificar e enriquecer as oportunidades de expressão motora» (Ministério da Educação, 1997, p.59).

Capítulo II – Metodologia

1. Natureza do estudo

O nosso estudo foi desenvolvido em contexto de jardim de infância no âmbito da prática de ensino supervisionada em Educação Pré-Escolar. Teve como objetivo o desenvolvimento da autonomia e da motricidade fina de um grupo de crianças, promovendo a sua importância para atividades escolares futuras.

Atendendo à relevância que o desenvolvimento da autonomia se reveste no âmbito da Educação Pré-Escolar, o tema inicial proposto foi a “construção da autonomia”, assinala-se contudo que depois de conhecer o grupo, sentiu-se a necessidade de o ajustar. Após algumas observações foi possível apreciar que a maior parte do grupo ainda não é autónomo o suficiente no que diz respeito a atividades básicas do seu dia-a-dia, tais como atar os atacadores dos sapatos e abotoar/fechar os casacos. O desenvolvimento da motricidade fina desempenha um papel extremamente relevante e fundamental nas aprendizagens escolares, pelo que, tendo em atenção a fase de transição em que o grupo se encontra, estando no próximo ano letivo no 1º Ciclo, decidiu-se focar o tema “A motricidade fina e as aprendizagens escolares”.

Definimos uma metodologia para que fosse possível dar resposta às nossas questões. A metodologia baseia-se numa abordagem de investigação de natureza qualitativa. Fortin (1999) define a investigação como um meio para demonstrar o campo de ação e de conhecimento de uma determinada profissão. (p.18).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), os investigadores qualitativos são aqueles que frequentam os locais de estudo por se preocuparem com eles, que as ações são melhor compreendidas se forem observadas no ambiente onde habitualmente ocorrem. (p.48). Neste sentido, consideramos que a metodologia se adequa, pois pretendemos observar todas as ações decorrentes no nosso estudo. Também Bogdan e Biklen (1994) defendem que é mais importante o processo do que o produto (p.49), ou seja, a descrição de todo o processo revela-se mais importante para uma melhor compreensão, do que propriamente os resultados obtidos. Assim, Aires (2011) refere ainda que o investigador faz a pesquisa no terreno para obter informação, orientando-se por uma persuasão científica que define e descreve a natureza da realidade social e por uma persuasão epistemológica que determina e orienta o modo de alcançar e compreender a realidade (p.16).

Com a metodologia qualitativa o investigador «está preocupado com uma compreensão absoluta» (Fortin, 1999, p.22), observando, descrevendo, interpretando e apreciando o meio e o fenómeno sem contorná-los (Fortin, 1999).

2. Problemática

Depois de realizada uma observação do grupo definimos a nossa problemática. Assim, a problemática do presente estudo consiste primeiramente em conhecer se as crianças deste grupo de finalistas apresentam uma boa coordenação e desenvolvimento da motricidade fina que lhes permita a futura aprendizagem das tarefas académicas, nomeadamente a escrita.

3. Objetivos

Após definida a nossa problemática, foram definidos os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

O presente estudo visa como objetivo geral conhecer o desenvolvimento da motricidade fina, isto é, analisar em que níveis as crianças do grupo se encontram no que diz respeito à autonomia na motricidade fina, desenvolvendo assim as suas capacidades de manipulação com vista às aprendizagens escolares futuras.

Objetivos específicos:

- Analisar qual o nível de autonomia do grupo;
- Analisar qual o desenvolvimento das habilidades motoras finas do grupo;
- Propor atividades que desenvolvam a habilidade motora fina, assim como a autonomia/responsabilidade das crianças;

- Analisar a importância do desenvolvimento da motricidade fina para aprendizagens escolares.

4. Participantes no estudo

O presente estudo foi realizado numa sala de jardim de infância inserida numa Instituição Particular de Solidariedade Social na cidade de Olhão, composta por um grupo de 26 crianças, 13 meninos e 13 meninas. O grupo apresentava idades compreendidas entre os 5 e 6 anos.

O estudo teve incidência no grupo de crianças, mas toda a equipa envolvida com o grupo se revelou fundamental. A participação da educadora e das auxiliares na sala de atividades revelou-se fulcral. A cooperação dos pais foi, sem dúvida, indispensável no nosso objetivo.

5. Procedimentos metodológicos

5.1. Análise documental

De forma a conhecer as necessidades do grupo e quais os objetivos definidos pela instituição e pela educadora cooperante, analisámos os dois documentos enquadrados na ação educativa: o Projeto Educativo de Escola (PEE) e o Projeto Curricular de Grupo (PCG).

Foi importante analisar o PEE, pois, assim, foi-nos possível comparar se os nossos objetivos iam ao encontro dos objetivos definidos pela instituição. Igualmente importante, foi a análise das necessidades do grupo, assim como os objetivos definidos no PCG. Pudemos constatar quais as necessidades do grupo onde ia ser desenvolvido o nosso estudo.

5.2. Observação

A observação revela-se um dos nossos métodos mais importantes. Campenhoudt e Quivy (1995), definem a observação como «uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar» (p.155), ou seja, a observação é como que uma ponte entre os conceitos e as hipóteses, chegando assim aos resultados. A observação, segundo Aires (2011) «consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto direto com situações específicas» (p.24-25). Deste modo, considerámos pertinente para recolha e análise dos nossos resultados recorrer ao longo do presente estudo à observação direta, à observação participativa e, ainda, à observação indireta.

5.3. Observação direta

O método de observação direta foi fundamental para conseguirmos identificar as necessidades do grupo, assim como a sua evolução em momentos de atividade dirigida e/ou em atividade não dirigida. Sendo que é característica por ser «aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados» (Compenhoudt & Quivy, 1995, p.164) permitiu-nos observar o comportamento das crianças no decorrente estudo. Foi com a utilização deste método que nos foi possível preencher a nossa grelha de observação (Apêndice I) que permitiu uma análise da evolução do desenvolvimento da motricidade fina do grupo.

Tal como defendem Compenhoudt e Quivy (1995), a informação foi registada diretamente pelo observador. A mesma grelha foi aplicada em dois momentos, na fase inicial e na fase final, de forma a comparar resultados e verificar a sua evolução. Segundo estes mesmos autores, «o acto de observar será estruturado, na maior parte dos casos, por uma grelha de observação previamente constituída» (p.196).

5.4. Observação participativa

Em todos os momentos do estudo foi necessário promover de forma participativa o desenvolvimento motor do grupo, orientando, assim, para a construção da sua

autonomia. Em ambos os momentos (atividade dirigida e atividade não dirigida) a participação nas estratégias e no auxílio para o desenvolvimento do grupo foi fundamental, existindo momentos em que as crianças necessitavam de uma orientação e auxílio para realizar as diversas atividades na atividade do nosso estudo. Haguette (1987) refere que «o compartilhar dos aspectos subjetivos das ações das pessoas pesquisadas parece-nos um requisito fundamental na compreensão da ação humana.» (p.63).

Esta estratégia foi uma mais-valia para o desenvolvimento do nosso estudo, assim como para os resultados obtidos no mesmo.

5.5.Observação indireta

Para a análise de um dos momentos mais importantes da nossa atividade foi necessário recorrer à observação indireta através de fotografias e de descrições elaboradas com a ajuda da família (presentes no livro da boneca Maria). Segundo Compenhoudt e Quivy (1995) a informação «não é recolhida diretamente, sendo, portanto, menos objectiva.» (p.164). Embora a análise da informação não seja tão objetiva, foi essencial para o nosso estudo recorrer a este método, sendo o que nos possibilitou uma análise dos momentos em que não foi possível estar presente.

5.6. Notas de campo

As notas de campo foram outro método essencial ao presente estudo, sem as quais não teria sido possível registar as ações espontâneas das crianças, referentes ao nosso estudo. Segundo Bogdan e Biklen (1994) as notas de campos são «o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo» (p.150).

De forma a obter um registo organizado e de fácil leitura, elaborámos uma grelha (Apêndice II) para registar todos os momentos pertinentes para o nosso estudo.

6. Procedimentos éticos (informação escrita e consentimento informado dos encarregados de educação)

Para dar início ao estudo e à nossa atividade foi necessário proceder à elaboração de um texto explicativo dirigido aos pais sobre o objetivo do estudo e a solicitar a colaboração dos mesmos (Apêndice III), uma vez que grande parte da atividade envolvia a família e era realizada no contexto familiar. Este documento foi colocado em cada um dos cacifos das crianças, para que no final do dia cada familiar o levasse para casa e tomasse conhecimento do mesmo.

Foi necessário procedermos, ainda, à elaboração de um documento que garantisse a confidencialidade de todos os participantes no estudo, a fim de nos permitir fotografar e filmar os seus educandos, garantindo-lhe que toda a informação recolhida seria apenas utilizada para fins académicos. De forma a chegar a todos os encarregados de educação e para que ficassem todas as assinaturas num só documento, elaborámos uma grelha (Apêndice IV) na qual todos os pais tomaram conhecimento, e deram o seu consentimento informado assinando-a.

Capítulo III – Estratégias de intervenção implementadas

Posteriormente à realização da primeira observação e de analisar quais as necessidades do grupo, quer ao nível da autonomia, quer ao nível da motricidade, planeámos o desenvolvimento de uma atividade que será a nossa estratégia a longo prazo, ao longo da Prática de Ensino Supervisionada. Esta teve como objetivo auxiliar as crianças a tornarem-se, ainda mais autónomas, desenvolvendo a sua motricidade fina. É nosso entender que este objetivo se apresenta de forma bastante pertinente para a fase de transição no próximo ano letivo (entrada no 1º Ciclo).

A nossa estratégia definida foi a introdução de uma boneca (apêndice XI), mais ou menos, da altura das crianças, para que estas sentissem que faria parte do grupo, incluindo-a nos momentos da sala de atividades e ficando à responsabilidade de cada criança no dia sorteado para a levar para a sua própria casa. Com a boneca pretendemos alcançar os objetivos definidos para o estudo.

De seguida serão descritos todos os passos da atividade implementada.

1. Introdução da boneca

De forma a integrar a boneca e toda a estratégia no grupo, no dia 2 de fevereiro de 2015 iniciou-se a semana com a história da boneca. As crianças encontravam-se sentadas na área da biblioteca, onde era realizado o acolhimento, nas suas respetivas almofadas. Sentei a boneca ao meu lado, no sofá, e contei ao grupo que tinha encontrado aquela boneca no fim de semana quando fui ao Alentejo, no caminho para Faro. Constei-lhes que ela me tinha questionado para onde ia, ao que lhe expliquei que estava a estagiar com uns meninos e que andávamos a viajar por todos os continentes à descoberta do nosso Planeta. Disse-lhes que ela me tinha pedido que a levasse para ao pé daqueles meninos porque gostava de aprender todas essas coisas com eles.

Enquanto decorria a conversa entre mim e as crianças, algumas colocavam questões e curiosidades sobre a boneca. Duas dessas questões foram: “Como se chama?” e “Que idade tem?” (a análise do processo de resposta às questões será realizada no próximo capítulo).

Esta foi a primeira e a fase que desencadeou todas as outras estratégias da nossa atividade principal, cativando o grupo para a atividade do presente estudo.

2. Observação direta das crianças em atividade dirigida

Revelou-se necessário e indispensável para o nosso estudo a realização de uma observação dirigida às crianças, de forma a analisarmos a evolução, ou não, do grupo nas habilidades da motricidade fina.

Para a realização e registo da observação dirigida, elaborámos uma grelha (Apêndice I) a aplicar numa fase inicial e na fase final, com o objetivo de analisar os resultados alcançados pelas crianças. A tabela contém todas as habilidades a serem trabalhadas com a exploração da boneca Maria, habilidades essas que fazem parte da própria autonomia no dia a dia das crianças, realizando a correspondência a determinada criança.

No decorrer da observação, de forma individual, foram anotados os resultados e dado o auxílio às necessidades de cada criança, com o objetivo de, posteriormente, praticarem de forma correta e alcançarem o objetivo definido.

3. Exploração da boneca Maria em contexto sala de atividades

Nos dias em que a Maria estava na sala de atividades, ou seja, no dia em que a boneca voltava da casa de uma criança para, à tarde, outra criança a levar para a sua casa, ficava com o grupo na sala de atividades.

A manhã era iniciada com a estagiária que estava a dinamizar naquela semana, com a criança “ajudante do dia” e a Maria sentadas no sofá. Foi, assim, desde a sua introdução que o grupo integrou a Maria nas suas atividades ao longo do dia.

Nos momentos de atividades livres, a Maria estava à disposição das crianças para que estas a pudessem explorar, desenvolvendo assim a sua motricidade fina. Embora fosse possível circular nas diferentes áreas da sala, permanecia, na maioria do tempo, na área da biblioteca, pois era onde existia mais espaço para o seu manuseamento.

4. Ida da boneca Maria a casa das crianças

Embora na sala de atividades fosse possível explorar a Maria e todos os acessórios que dela faziam parte, era necessário dar resposta a um dos outros objetivos do nosso estudo: a construção da autonomia, pelo que decidimos incluir a família na nossa atividade. Surgiram, assim, as idas da Maria às várias casas. Com as idas às casas das crianças pretendemos desenvolver o sentido de responsabilidade perante a boneca, aproveitando para praticarem, com mais tempo disponível apenas para a criança x, as habilidades motoras (vestir, despir, calçar, abrir e fechar fechos, abotoar e desabotoar botões, prender e desprender botões de mola e atar os atacadores).

Definimos que cada criança ficaria com a Maria em casa duas noites, exceto a criança que ficava com ela ao fim de semana, passando assim três noites na sua casa. Esta decisão recaiu no tempo necessário para a atividade: todas as crianças terem igualmente a mesma oportunidade e para ser possível existir tempo de observação dirigida em sala de atividades com o objetivo de recolha de dados.

Com esta atividade pretendemos, ainda, incluir a família na nossa atividade, sendo uma mais-valia. Considerámos essencial o envolvimento da família nas atividades das crianças.

4.1. Mapa das idas a casa (registo)

Para que se conseguisse uma organização dos dias em que cada criança ficaria responsável pela Maria e a levasse para a sua casa, foi necessário a elaboração de um mapa mensal/semanal onde ficou registado qual a criança que levava a boneca para casa em determinado dia.

Na construção do mapa tivemos o cuidado de utilizar as cores correspondentes ao dia da semana (utilizadas também no mapa das tarefas, por exemplo) com as quais o grupo estava familiarizado, de forma a facilitar a leitura. O mapa é mensal e estava dividido, na horizontal, pelas respetivas semanas. A divisão da semana era feita consoante o número de noites que a criança ficava com a Maria, ou seja, o nome da criança sorteada era colocado com velcro no meio desses dias. Ao lado, fixado com um pionés, estava a caixa que continha os nomes de todas as crianças do grupo.

Na segunda-feira era feito o sorteio de quais as crianças que naquela semana ficavam responsáveis por levar a Maria para casa. Este sorteio era realizado com os cartões que estavam dentro da caixa. Os cartões das crianças que já tinham realizado a

atividade permaneciam no respectivo sítio do mês para que ficassem visíveis os dias que calharam a cada criança.

4.2. Mochila com os acessórios da Maria

Para que fosse possível uma exploração da Maria, fazia parte da mesma uma mochila que continha outras roupas para que fosse possível uma troca e manuseamento por parte das crianças. Nas roupas escolhidas tivemos em atenção as diversas habilidades que poderiam ser desenvolvidas nesta atividade a nível da motricidade fina, sendo o objetivo do nosso estudo (roupas com botões, fechos, botões de mola e atacadores).

4.3. “O meu livro”

Da mochila da Maria fazia ainda parte um livro, denominado “O meu livro”. No livro estava descrita a breve história da boneca Maria (Apêndice XIII, imagem 28) para que, mais uma vez, os pais pudessem estar informados e várias páginas destinadas ao registo de cada ida a casa (Apêndice XIII, imagem 29). Nestas páginas ficava registada a data, a criança que ficou responsável pela Maria, era descrito o que fizeram juntas e ainda a possibilidade de contar outras coisas que fizessem juntas. Este registo foi realizado com a ajuda da família, sendo indispensável a sua colaboração em toda a nossa atividade.

Capítulo IV – Apresentação e análise interpretativa dos dados

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos na nossa atividade. Para que seja possível uma apresentação clara dos resultados, refletimos e analisamos os diferentes momentos da nossa atividade. A análise dos dois documentos presentes na instituição (PEE e PCG) será também realizada neste capítulo, como forma de compreendermos todas as estratégias implementadas no nosso estudo.

1. Diagnóstico

Na fase inicial da Prática de Ensino Supervisionada no jardim de infância, sendo de observação e com o objetivo de conhecer o grupo e compreender as suas necessidades, constatámos que o grupo apresentava algumas necessidades no que diz respeito à motricidade fina, mais concretamente nas tarefas do dia a dia. Foi bastante importante para o nosso estudo esta fase de observação, pois foi através dela que percebemos a nossa necessidade de reformular o tema escolhido. Primeiramente, o nosso tema era a “Construção da autonomia”, mas tendo em conta a faixa etária das crianças (5/6 anos) e o nível autónomo em que se encontravam, assim como as necessidades observadas nas crianças, considerámos pertinente alterar o nosso tema dando ênfase à motricidade fina e às aprendizagens escolares.

Em vários momentos do dia, as crianças que faziam parte do nosso grupo de estudo pediam o nosso auxílio para realizar tarefas, sendo as mais observadas com maior destaque, como fechar o fecho dos casacos e atar os atacadores dos sapatos. Foram estes momentos que nos chamaram a atenção para esta necessidade do grupo e para a importância da sua independência nestas determinadas tarefas. Assinale-se que estas são tarefas que requerem uma autonomia/independência, mas em que a motricidade fina é fulcral.

Perante esta observação, adaptámos o tema e os objetivos do presente estudo de forma a dar resposta a estas necessidades, estando presente a construção da autonomia associada à motricidade.

Outro aspeto essencial no nosso diagnóstico, assim como em todo o nosso estudo, foi o facto de estarmos a desenvolver estratégias com um grupo de finalistas. O grupo encontra-se numa fase de transição da Educação Pré-Escolar para o 1º Ciclo,

sendo que o desenvolvimento da sua motricidade fina é imprescindível no que diz respeito às futuras atividades escolares. Na fase que se segue, a criança necessita de um desenvolvimento da motricidade, mais especificamente da motricidade fina, de forma a facilitar as suas aprendizagens escolares, como por exemplo, a iniciação da alfabetização (o manuseamento do lápis para a escrita).

Tendo em atenção todos estes aspetos, por um lado a dependência da criança perante o adulto, por outro, as necessidades sentidas ao nível da motricidade fina e, ainda, a fase de transição para o 1º Ciclo, definimos o tema do nosso estudo como “Construção da autonomia: A motricidade fina e as aprendizagens escolares”.

Consideramos que esta fase tenha sido uma mais-valia para a definição dos objetivos do nosso estudo, como para a pertinência das estratégias a desenvolver que ajudassem o grupo a ultrapassar estas necessidades, tendo em conta a sua relevância para as aprendizagens escolares futuras.

2. Análise documental

Analisámos os dois documentos disponíveis na instituição para que nos fosse possível compreendermos os objetivos da mesma e as necessidades do grupo, tendo em atenção uma melhor intervenção.

No que diz respeito à área de formação pessoal e social, mais precisamente, à autonomia, o grupo, como é referido no PCG, revela-se autónomo. Esta autonomia é observada na sala de atividades, na exploração das diferentes áreas, assim como das rotinas diárias. No momento da alimentação, também revelam ser um grupo autónomo, pois a maioria consegue utilizar os talheres de forma correta. Nos momentos de higiene já vão sozinhos à casa de banho (2014-2015, p.9).

Respetivamente à motricidade fina, inserida na área da expressão e comunicação, mais precisamente no domínio da expressão motora «Algumas crianças revelam limitações em atividades relacionadas com a motricidade fina (atividades de recorte, por exemplo)» (PCG, 2014-2015, p.10), ou seja, existe necessidade por parte de algumas crianças em desenvolver a motricidade fina.

No PEE um dos objetivos definidos para o jardim de infância é «Incentivar a participação das famílias no processo educativo (...)» (2014-2015, p.9). Foi neste

sentido que recaiu, também, a nossa atividade em que foi indispensável a participação da família/pais.

3. Processo e resultados de cada estratégia implementada

3.1. Introdução da boneca

O momento que deu início à nossa atividade a longo prazo foi a introdução da boneca. Nesta fase foi possível percebermos o possível impacto que a mesma teria no grupo, analisando a forma como a receberam.

Quando se entrou na sala de atividades com a boneca, o grupo ficou bastante impaciente até saber o que estaria ali a fazer uma boneca quase da altura deles. Este pormenor do seu tamanho cativou a atenção do grupo, pois não era apenas uma boneca como as que estavam habituadas a brincar, mas sim uma que era da mesma altura que muitas crianças do grupo. Este era um dos nossos objetivos, construir uma boneca, mais ou menos, com a mesma altura das crianças para que fosse mais fácil incluí-la no grupo.

Na hora do acolhimento e ansiosos para saber os detalhes daquela boneca, permaneceram atentos e curiosos naquele momento. À medida que se foi contando ao grupo quem era aquela boneca e como é que a levei para a sala, surgiram curiosidades por parte das crianças. Duas das questões colocadas pelo grupo foram: “Como se chama?” e “Que idade tem?”. Na questão do nome da boneca, uma das estratégias definidas era o próprio grupo escolher o nome. Uma vez que não conseguimos chegar a um consenso, o nome foi escolhido por sorteio. Cada criança mencionou um nome que gostaria de dar à boneca. Posteriormente, foram escritos em pequenos papéis todos os nomes referidos pelas crianças, colocados dentro de um saco e retirámos à sorte um dos papéis. O nome sorteado foi “Maria”.

Agora a nossa amiga Maria já tinha nome, mas continuávamos sem saber qual a sua idade. Coloquei a Maria ao lado de algumas crianças e analisámos a sua altura, comparando-a com as alturas do grupo. Sendo um grupo de 5/6 anos e a Maria ser praticamente da altura das crianças, chegámos à conclusão que a Maria teria 6 anos. Como era da mesma altura que algumas crianças e um pouco maior que outras, já tinha completado os seus 6 anos.

O grupo esteve todo envolvido neste momento e ficou bastante motivado por ter uma nova presença na sala de atividades. Até mesmo as crianças mais tímidas e menos participativas se envolveram na atividade, interagindo ao longo da conversa. A primeira impressão do grupo na atividade revelou-se muito positiva, sendo imprescindível para todo o desenvolvimento da mesma. Uma vez que o grupo respondeu a este momento de forma positiva, pensou-se que todos os outros momentos seriam também facilmente implementados.



Figura 1 – A boneca Maria

3.2. Primeira observação direta das crianças em atividade dirigida

Para que nos fosse possível analisar os resultados e a evolução, ou não, das crianças, no que diz respeito à motricidade fina, realizámos uma observação direta numa fase inicial, antes do desenvolvimento da nossa atividade, na qual preenchemos a grelha correspondente (apêndice V).

De seguida analisaram-se os dados recolhidos na grelha de observação direta, de forma descritiva.

Primeira observação direta

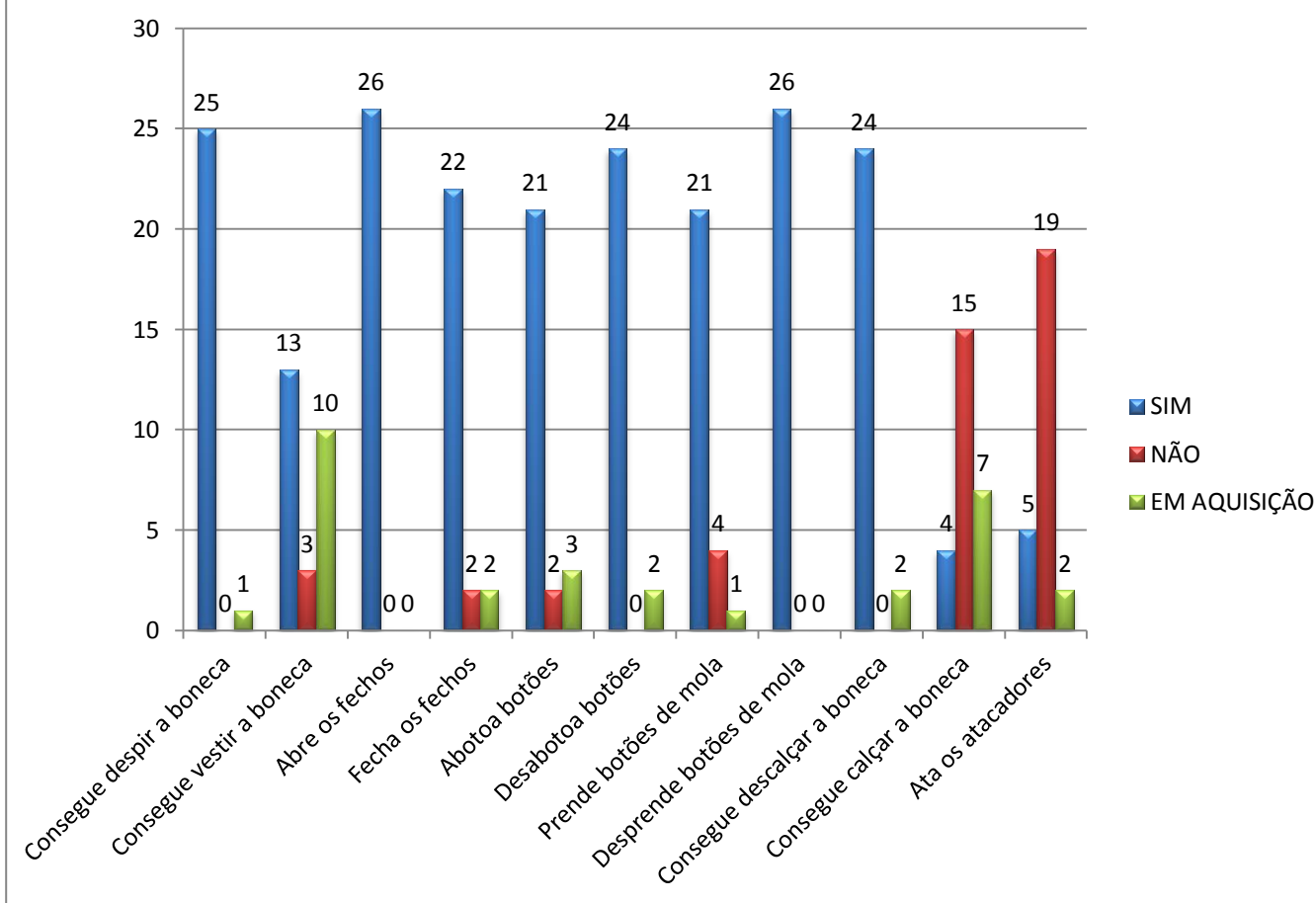


Gráfico 1 – Primeira observação direta

No que diz respeito à primeira questão “Consegue despir a boneca” apenas uma criança se encontra em fase de aquisição, sendo que as restantes vinte e cinco crianças já conseguem realizar a tarefa. Na questão “Consegue vestir a boneca” metade do grupo já consegue realizar a tarefa (treze crianças) e do restante grupo três crianças ainda não conseguem e dez encontram-se em aquisição da tarefa. Em relação à tarefa “abre os fechos” o grupo revela-se autónomo. Respetivamente ao “fechar os fechos”, das vinte e seis crianças vinte e duas conseguem, sendo que duas ainda estão em aquisição e outras duas ainda não revelam tal habilidade motora. Em relação aos botões, vinte e uma crianças abotoa os botões, duas não conseguem e três encontram-se em fase de aquisição. Relativamente ao “desabotoa botões”, vinte e quatro crianças revela facilidade e apenas duas estão em aquisição da habilidade motora. No que diz respeito a “prende botões de mola”, vinte e uma crianças conseguem, quatro revelam dificuldade não conseguindo realizar a tarefa e encontra-se uma criança em fase de aquisição. Já na

tarefa de “desprende botões de mola”, todas as crianças conseguem realizar com sucesso a tarefa. Analisando a tarefa “consegue descalçar a boneca”, vinte e quatro crianças revelam conseguir e duas das crianças encontram-se em aquisição da mesma. Já na tarefa de calçar a boneca encontramos mais dificuldades, sendo que apenas quatro crianças conseguem, quinze não conseguem e sete encontram-se em fase de aquisição. No que diz respeito ao atar os atacadores, apenas cinco crianças conseguem, dezanove não conseguem e duas encontram-se em aquisição da tarefa. Estas duas últimas tarefas, calçar a boneca e atar os atacadores, são as que apresentam resultados significativos, pois a maioria das crianças não consegue realizá-las.

3.3.Exploração da boneca Maria em contexto de sala de atividades

Ao longo da atividade desenvolvida, a exploração da boneca Maria em contexto de sala de atividades revelou-se bastante importante e fulcral para o presente estudo. Foi ao longo dos meses/dias que o grupo desenvolveu as suas habilidades de motricidade fina com a Maria, sendo que o facto da mesma se encontrar na sala de atividades nos dias em que a Maria ia para a casa de outra criança foi fundamental. Nestes períodos as crianças tinham oportunidade de a explorar e de estar mais tempo com ela, pois o tempo que a tinham na sua casa acabava por ser reduzido face às suas necessidades e ao entusiasmo que revelavam para com ela.

No início da manhã, na escolha das atividades livres, algumas crianças revelavam preferência pela área da biblioteca pois era onde a Maria se encontrava e onde tinham mais espaço para a manusear.

Nesta estratégia as notas de campo revelaram-se também fundamentais para compreendermos todo o processo; as crianças agiam de forma espontânea e foi necessário realizar essas anotações, como se pode constatar com um registo das notas de campo no dia 11 de março de 2015:

«Enquanto algumas crianças brincavam na área da biblioteca, incluindo a Maria nas suas brincadeiras, a criança x dirige-se a mim para pedir auxílio: “Podes-me ajudar a calçar a Maria?” O sapato da Maria tinha saído do seu pé e a criança não estava a conseguir calçá-lo sozinha» (10h56 min, apêndice VIII).

Neste exemplo, a criança demonstrou que estava a praticar as suas habilidades de motricidade fina que a Maria proporcionava.

Outro momento que achámos importante anotar foi registado nas nossas notas de campo no dia 20 de abril de 2015:

«A Maria encontra-se na área da biblioteca. As crianças que escolheram esta área para brincar no período da manhã estão a contar histórias, à vez, à Maria» (11h04min, apêndice X).

Este exemplo demonstra-nos que a boneca não estava apenas na sala de atividades, mas fez parte das rotinas do grupo possibilitando não apenas o desenvolvimento motor, mas também o desenvolvimento global das suas competências.



Figura 2 - Crianças com a Maria na biblioteca

Uma das rotinas do grupo era fazer uma reflexão do seu comportamento no final do dia, em que existiam molas com o nome de cada criança e eram colocadas no sítio consoante a sua reflexão do comportamento (na coroa, no arco-íris, no sol ou na nuvem). Foi sugerido por uma criança que a Maria tivesse também uma mola para que no final do dia pudesse entrar nessa rotina. Foi então pintada a mola da Maria e escrito o seu nome. No final do dia as crianças refletiam como tinha corrido o dia da boneca Maria. Este foi mais um dos momentos em que pudemos constatar que o grupo integrou a boneca Maria nas suas rotinas, fazendo esta, assim, parte do grupo.

De facto, a exploração da boneca Maria na sala de atividades revelou-se muito positiva para a aquisição das habilidades motoras finas, pois o grupo interagiu com a mesma, explorando-a e manuseando-a.



Figura 3 - Crianças com a boneca Maria

3.4. Ida da boneca Maria a casa das crianças

A estratégia com maior destaque da nossa atividade foram as idas da boneca Maria a casa de cada criança. Com a implementação desta estratégia pretendíamos promover a construção da autonomia/responsabilidade, assim como, o desenvolvimento das habilidades motoras.

Assinale-se que antes de se introduzir esta estratégia, foi o próprio grupo que sugeriu que se arranjasse uma forma da Maria não ficar sozinha no jardim de infância durante a noite e aos fins de semana, tal como registámos nas nossas notas de campo do dia 3 de fevereiro de 2015:

«Esta situação foi utilizada para introduzir a estratégia da ida da Maria às várias casas.» (11h40min, apêndice VII).

Esta estratégia foi, de alguma forma, sugerida pelas crianças, sendo que se desenvolveu de forma muito positiva e sempre com muito entusiasmo por parte das crianças.

As crianças assumiram responsabilidade pela Maria, revelando-se progressivamente mais autónomas, tendo sido possível verificar este aspeto numa das nossas notas de campo do dia 17 de abril de 2015:

«A criança que neste fim de semana ficava responsável pela Maria esqueceu-se dela no jardim de infância, pelo que se apercebeu quando chegou a casa. “Mãe esqueci-me da

Maria. Fui um irresponsável.” Segundo a mãe, a criança terá ficado mesmo perturbada por se ter esquecido da Maria, querendo voltar para a ir buscar, o que já não era possível uma vez que o jardim de infância já se encontrava fechado» (apêndice IX).

Tal como a nossa interferência pessoal realizada «A situação mostra-nos a responsabilidade que o grupo sentia pela Maria. A criança em questão ficou desiludida consigo própria por ter “falhado” na sua tarefa de cuidar da Maria durante o fim de semana» (apêndice IX).

Importa ainda referir que, nos momentos de acolhimento, a maioria das crianças pedia para contar as novidades e o que tinham feito com a Maria. Nestes momentos foi possível compreender como estava a decorrer a nossa atividade, assinalando-se um balanço muito positivo.

Outro aspeto a referir, sendo fundamental para o desenvolvimento da nossa atividade, foi a cooperação dos pais que tornou esta atividade possível. Os pais cooperaram de forma bastante positiva e compreensiva em toda a atividade.

Os próximos subpontos serão um complemento de toda a atividade.

3.4.1. Mapa das idas a casa (registo)

Esta estratégia foi essencial para que fosse possível organizarmos o grupo no que diz respeito às idas da Maria às várias casas. O grupo rapidamente integrou esta estratégia na rotina da segunda-feira, pois era neste dia em que eram sorteadas as crianças que ficariam responsáveis pela Maria nessa semana. Nestes momentos as crianças revelavam concentração para observarem qual o nome que saía no cartão e entusiasmo (as que ainda não tinham levado a Maria para casa) para que saísse o seu cartão. Aproveitávamos também estes momentos para explorar o conceito de semana, explorando os dias da semana, assim como os do mês.

A leitura do mapa revelou-se fácil para as crianças. O grupo já reconhecia o seu nome escrito e o nome de alguns amigos pelo que conseguiam consultar o mapa sempre que pretendiam.

Foi uma estratégia que facilitou o desenvolvimento da nossa atividade e decorreu de forma positiva.

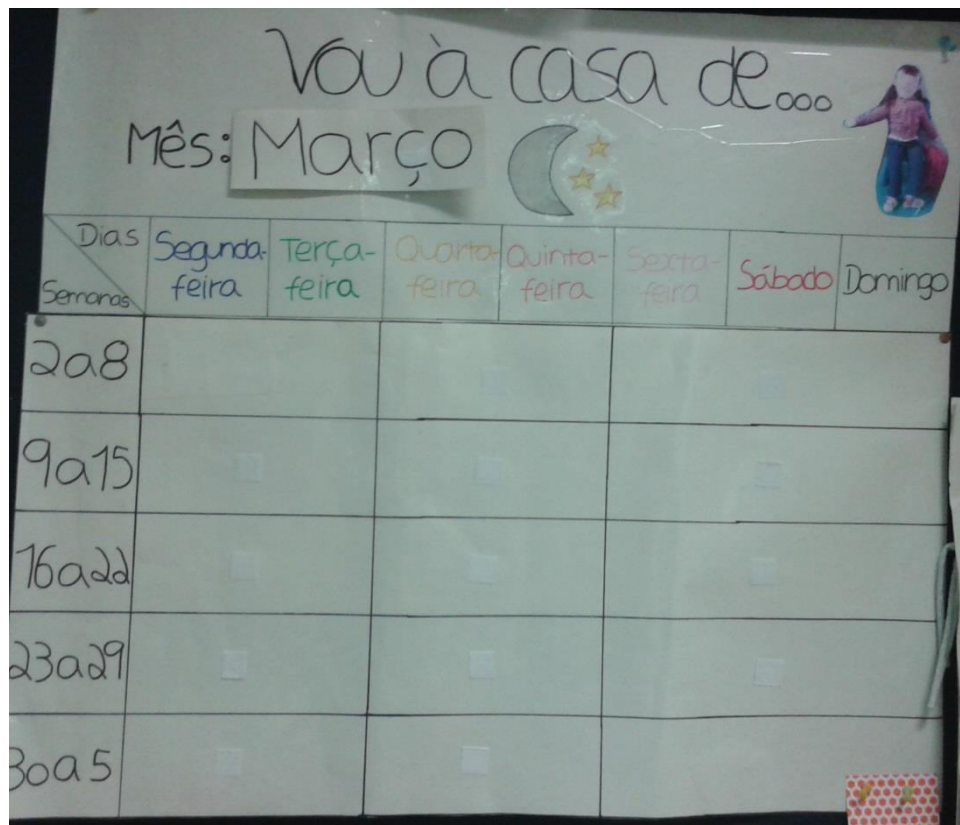


Imagem 4 – Mapa das idas a casa (registo do mês de Março)

3.4.2. Mochila com os acessórios da Maria

Para que fosse possível uma exploração mais completa, a Maria estava acompanhada da sua mochila onde tinha guardado todas as suas roupas e acessórios (apêndice XII) para que as crianças pudessem realizar a sua troca, assim como a exploração dos mesmos.

A mochila da Maria foi ficando cada vez mais cheia, pois foram muitas as crianças que partilharam as suas roupas/acessórios com ela. Inicialmente algumas crianças diziam que falta x ou y na mochila da Maria, sendo que a nossa opção foi deixá-la incompleta pois considerou-se que seria importante e interessante a partilha que existia entre as crianças e a Maria nessas situações.



Figura 4 - Mochila da Maria

3.4.3. “O meu livro”

A análise da nossa observação indireta foi realizada através do livro da Maria, onde cada criança foi registando, com a ajuda da família, o que fazia com a mesma (por escrito e por fotografia). Foi-nos assim possível conhecer e analisar o desenrolar da nossa atividade com as descrições feitas.

No que diz respeito à exploração das habilidades motoras, selecionámos dois exemplos do livro:

«(...) com ela aprendi algumas coisas como desabotoar, colocar os cordões nas sapatilhas e outras coisas mais, mas preciso praticar mais» (Apêndice XIII, imagem 37). Com este exemplo é possível constatar que a criança em causa tem consciência de que desenvolveu algumas habilidades, mas que ainda necessita de mais prática. Uma vez que a atividade de ida a casa tinha ocorrido no dia 26 de fevereiro de 2015 e que a atividade do nosso estudo ainda se encontrava na fase inicial, a criança ainda podia continuar a desenvolver as suas habilidades motoras.

«(...) fomos lavar os dentes, tomar banho e vestir os pijamas e fomos para a cama. (...) Depois de manhã vesti-lhe a roupa para irmos para a escola» (Apêndice XIII, imagem 62). Assinale-se mais uma vez que, através deste exemplo, pudemos constatar que a criança incluiu a Maria nas suas tarefas do dia a dia, possibilitando dessa forma o desenvolvimento das suas habilidades motoras.

Através da observação indireta também nos foi possível analisar o impacto que a atividade teve no que diz respeito à inclusão da Maria nas atividades do dia-a-dia fora da sala de atividades, ou seja, nas idas a casa de cada criança. De forma a analisar estes resultados selecionámos, de igual modo, dois exemplos:

«A Maria no dia que veio comigo para casa foi comigo ao médico» (Apêndice XIII, imagem 44). Nesta ida a casa a Maria acompanhou a criança numa ida ao médico, mostrando-nos que não fez apenas parte das rotinas dentro de casa da criança.

«Levei a Maria a passear a Espanha» (Apêndice XIII, imagem 55). Este foi outro exemplo analisado que nos revela a inclusão da Maria em todas as atividades que decorreram nos dias em que a criança ficou responsável pela mesma.

Esta estratégia adotada por nós foi-nos bastante útil para analisarmos todos os nossos resultados. Decorreu de forma muito positiva, pois todas as famílias cooperaram para que assim fosse possível.



Figura 5 - Livro da boneca Maria – “O meu livro”

3.5. Segunda observação das crianças em atividade dirigida

Em observação direta, preenchemos a mesma grelha utilizada na primeira observação com o objetivo de analisar a evolução, ou não, das habilidades motoras das crianças, comparando assim os resultados de ambas as grelhas.

De seguida analisaremos de forma descritiva os resultados obtidos na segunda observação direta do grupo em atividades dirigidas.

Segunda observação direta

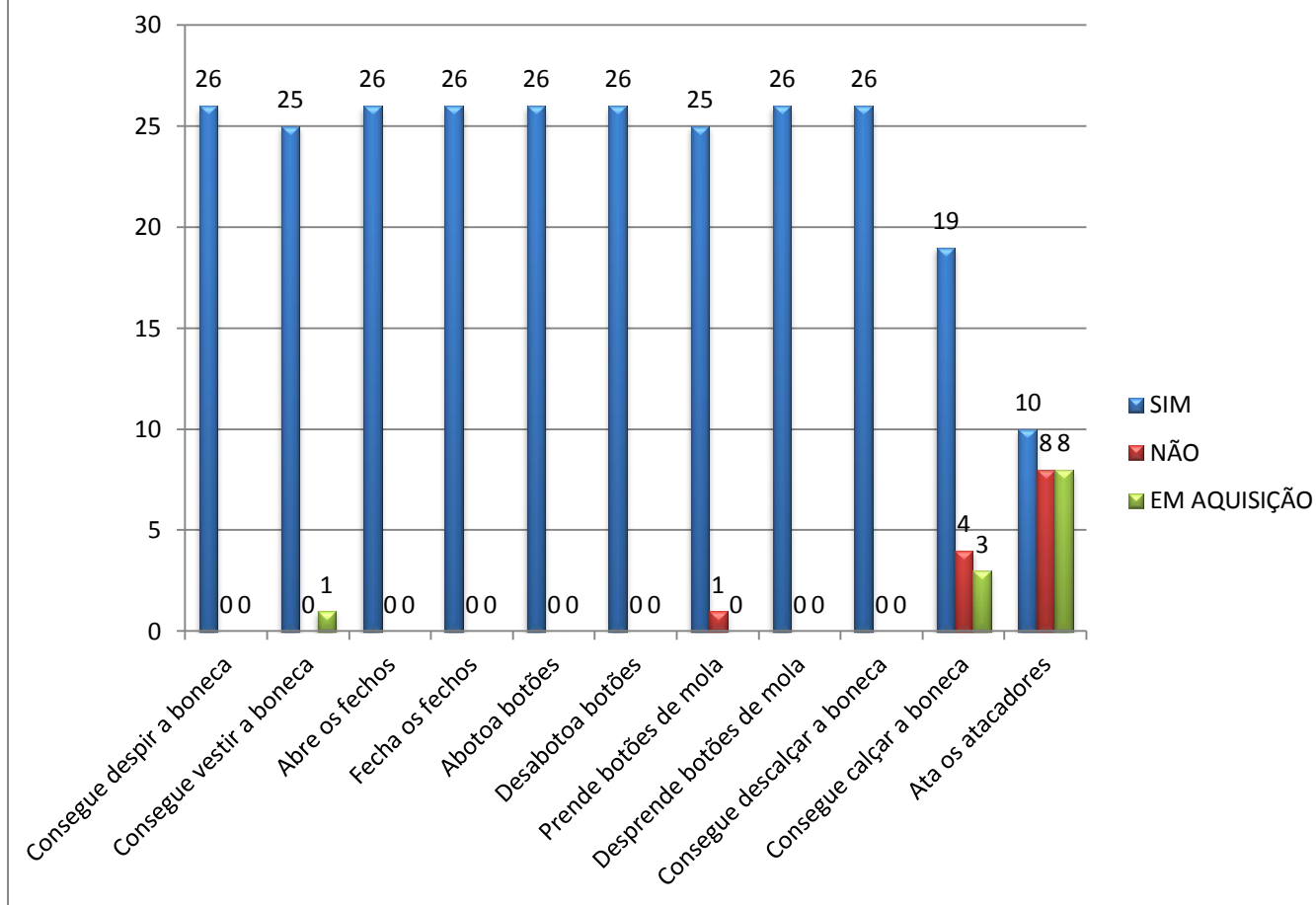


Gráfico 2 – Segunda observação direta

Das doze habilidades observadas, analisámos que em sete delas as crianças já adquiriram por completo essas capacidades motoras. No que diz respeito à atividade “consegue vestir a boneca” apenas uma criança ainda se encontram em fase de aquisição da habilidade. Na habilidade de “prende botões de mola” uma das crianças do grupo ainda não adquiriu a habilidade, sendo que as restantes já o conseguem. Respetivamente à atividade “consegue calçar a boneca” das vinte e seis crianças dezanove já se revelam capazes, quatro ainda não conseguem e três encontram-se em aquisição da habilidade. Por último, na atividade “ata os atacadores” dez crianças já revelam esta capacidade apreendida, oito ainda não conseguem e, também, oito estão

em fase de aquisição. O grupo já adquiriu a maioria das capacidades motoras desenvolvidas na atividade do nosso estudo.

Conclusões

Depois de implementada a atividade do estudo, desenvolvendo diferentes estratégias para que fosse possível chegar aos nossos objetivos, e de analisados os resultados obtidos em cada estratégia é-nos possível dar resposta à problemática.

Para que a nossa intervenção fosse significativa e fosse ao encontro das necessidades do grupo, as observações que nos permitiram conhecer o grupo foram essenciais. Percebemos, assim, que o grupo revelava necessidades no que diz respeito às habilidades motoras finas. Tivemos ainda em atenção o facto de ser um grupo de crianças de faixa etária de 5/6 anos, ou seja, um grupo de finalistas. Foi com base nestas observações que definimos os nossos objetivos, sendo que o nosso objetivo geral consistiu em promover o desenvolvimento da motricidade fina e o desenvolvimento de capacidades de manipulação com vista às aprendizagens escolares futuras.

A nossa estratégia foi definida a longo prazo, pelo que foi possível desenvolvê-la recorrendo a diversas estratégias. As estratégias completavam-se de forma a atingir o nosso objetivo.

O grande enfoque da atividade desenvolvida foi a exploração das várias habilidades que as peças de roupa, o calçado e o manuseamento destes objetos permitiam, proporcionando, assim, o desenvolvimento da motricidade fina das crianças.

O grupo esteve sempre envolvido desde a introdução da boneca Maria até à fase final. Procurámos recorrer a uma estratégia que envolvesse o grupo, que o cativasse e que ao mesmo tempo desenvolvesse as suas habilidades motoras. As crianças estiverem envolvidas, no seu todo, em todas as fases da atividade. Participaram, exploraram e desenvolveram as suas capacidades. A Maria fez parte do grupo durante todos estes meses, fazendo parte da rotina das crianças na sala de atividade e nos momentos em que ia à casa de cada criança. Assim, todas as crianças do grupo participaram ativamente na atividade e desenvolveram as habilidades motoras que com ela foram proporcionadas.

Tivemos ainda em atenção o envolvimento da família que se revela sempre uma mais-valia para o desenvolvimento das crianças. O facto da nossa atividade ter decorrido em grande parte no espaço familiar das crianças cativou-as de outra forma. Sentimos que foi importante não se ter desenvolvido uma atividade apenas restrita à sala de atividades, mas sim algo diferente do que as crianças estavam habituadas, cativando-as e motivando-as. Assim o grupo sentiu responsabilidade pela Maria, especialmente

nos dias em que a levava para casa e ficava responsável por ela, sendo que este aspeto foi fundamental na construção da autonomia. A colaboração dos pais no decorrer de toda a atividade foi também crucial. Assinale-se que as famílias estavam igualmente envolvidas na atividade, assim como as crianças.

Para que nos fosse possível analisar a evolução das crianças com a atividade desenvolvida, realizámos a mesma observação direta na fase inicial e na fase final. Depois de analisados os resultados de cada uma das observações diretas de forma descritiva, passaremos a comparar os resultados das duas observações, de forma a poder aferir a evolução do grupo.

De facto os dados permitem constatar que a evolução do grupo foi notória da primeira observação para a segunda. Existiu uma evolução em todas as habilidades motoras finas observadas, sendo que em duas delas todas as crianças já conseguiam realizá-las na primeira observação, sendo “Abre os fechos” e “Desprende botões de mola”.

Analizados os resultados, realizámos uma comparação das habilidades em que existiu uma evolução mais significativa. No que diz respeito a “consegue vestir a boneca” apenas metade do grupo conseguia na primeira observação, sendo treze as crianças. Aquando da segunda observação é possível constatar que apenas uma criança ainda revelava algumas dificuldades, ou seja, vinte e cinco crianças já conseguiam realizar esta habilidade sem dificuldade.

Outra das observações prendeu-se com a tarefa “consegue calçar a boneca” em que apenas uma minoria do grupo conseguia realizar. Na primeira observação apenas conseguiam calçar a boneca quatro crianças, sendo que quinze não conseguiam, enquanto na segunda observação dezanove crianças já revelavam ter adquirido esta capacidade. Os dados obtidos permitiram constatar que existiu uma evolução, pois a maioria das crianças já revelou ter desenvolvido esta habilidade. Por último, a habilidade, “ata os atacadores” foi aquela que teve uma evolução mais significativa em que o dobro das crianças já conseguiu fazê-lo sem dificuldade. Na primeira observação apenas cinco crianças conseguiam atar os atacadores, quinze revelavam dificuldades e sete encontravam-se em aquisição da habilidade; na segunda observação dez crianças revelavam-se capazes, apenas oito tinham dificuldade e oito estavam em fase de aquisição da habilidade.

Assim, foi-nos possível constatar a evolução do grupo. Neste sentido pudemos concluir que a nossa atividade decorreu de forma positiva, pois em todas as habilidades desenvolvidas e observadas existiu uma evolução por parte de todas as crianças.

Consideramos que o desenvolvimento das habilidades motoras finas é fundamental para a fase que se segue, o ingresso no 1º Ciclo, assim como em todas as tarefas do dia-a-dia da criança principalmente naquelas que a levam a não depender de outra pessoa, como por exemplo vestir-se. A aquisição de capacidades motoras facilita a aquisição de novas capacidades em que estas se revelam essenciais.

O educador tem um papel fundamental no desenvolvimento global da criança, devendo proporcionar-lhe atividades e situações que contribuam para o seu desenvolvimento, tendo em atenção todas as necessidades e interesses do grupo. Foi neste sentido que o presente relatório se revelou muito importante em todo o processo de formação, permitindo-nos refletir sobre as estratégias a desenvolver, assim como no desenvolvimento da criança.

Consideramos que a nossa atividade, assim como todas as estratégias, correram bem e permitiram uma evolução positiva no grupo. Assim, podemos concluir referindo que o nosso objetivo foi cumprido e que atingimos resultados positivos, reforçando o desenvolvimento de todo o grupo.

Reflexão final

O desenvolvimento do presente estudo implementado em contexto da Prática em Ensino Supervisionada revelou-se enriquecedor tanto a nível pessoal como profissional. Foi fundamental para a formação como educadores de infância, permitindo-me o contacto com um conjunto de situações e experiências que se revelaram fulcrais para todo o trabalho que deve ser desenvolvido pelo educador, refletindo ainda sobre as mesmas. A nível pessoal foi de igual modo enriquecedor, pois todas as experiências serviram para um crescimento pessoal o qual se torna essencial enquanto profissional de educação.

Uma vez que a temática inicial foi escolhida antes de conhecermos o grupo em que a iríamos desenvolver, revelou-se a nossa primeira dificuldade. Estávamos perante um grupo de 5/6 anos que já se encontrava num nível de autonomia mais elevado do que aquele que tínhamos pensado intervir. Neste sentido, adaptamos o nosso tema tendo em conta as necessidades das crianças. Com esta dificuldade desenvolvemos as nossas capacidades de reflexão sobre a prática educativa e sobre as necessidades/interesses das crianças.

Foi importante todo o processo do nosso estudo, desde a fase em que adaptámos o tema até à fase em que chegámos aos nossos resultados. Quando definimos as nossas estratégias tivemos sempre em consideração o interesse das crianças e se as estratégias as iriam cativar. A nossa intenção foi implementar estratégias que fossem bastante lúdicas, pois são estes os momentos em que as crianças estão realmente envolvidas. Assim, o grupo realizou a atividade como se estivessem a brincar com uma boneca, mas ao mesmo tempo estavam a ser desenvolvidas e apreendidas todas as capacidades pretendidas. Pensamos que este fator tenha sido fulcral nos resultados obtidos com o nosso estudo.

Consideramos que este tipo de atividade poderá ser desenvolvida com todos os grupos do Pré-Escolar e que constitui um conjunto muito rico de capacidades a serem desenvolvidas.

A nossa investigação poderia ter continuidade para implementar novas estratégias, sendo mais específicas para as aprendizagens escolares, manuseando os objetos que estão diretamente ligados às mesmas. Poderia ainda ser um estudo alargado ao 1º Ciclo, analisando os resultados obtidos em campo real.

Como perspectivas futuras sentimos que gostaríamos de vir a ter oportunidade de dar continuidade a esta investigação, alargando as estratégias, assim como o tempo das mesmas. Com um aumento do tempo seria talvez mais fácil desenvolver e analisar todas as estratégias de forma mais específica.

Da análise a toda a nossa intervenção podemos concluir que a criança deve ter ao seu dispor um conjunto de situações e de experiências que contribuam para o seu desenvolvimento a todos os níveis. Este conjunto de situações e de experiências depende dos adultos que a rodeiam, dos pares, do espaço, dos materiais e das situações. O desenvolvimento das habilidades motoras, mais especificamente, as finas depende da exploração dos objetos e do seu manuseamento. É imprescindível que a criança tenha este contacto, que lhe sejam proporcionados momentos livres e dirigidos para o desenvolvimento das suas capacidades motoras.

Refletimos sobre o quão importante é um desenvolvimento positivo na criança adquirido no período do Pré-Escolar para todo o seu processo académico futuro. É nos tempos de infância que a criança deve assimilar um maior e mais completo conjunto de capacidades nas diferentes áreas desenvolvidas.

Nesta fase final importa contudo não esquecer que o educador, por todos os aspetos referidos anteriormente, é um orientador e modelo no processo do desenvolvimento da criança, sendo que, neste processo deverá olhar para a criança como um ser único em desenvolvimento, tendo sempre em conta a sua individualidade. Só assim poderá cumprir a sua função!

Referências

- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional*. 1ª Ed. Universidade Aberta. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2028>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. [Trad. Alvarez, M., Santos, S., & Batista, T.] Porto: Porto Editora.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: a natureza do vínculo*. 3ª Ed. Martins Fontes
- Campenhoudt, L., & Quivy, R. (1995) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. [Trad. Marques, M. J., Mendes, A. M., & Carvalho, M.]. (2ªed.) Lisboa: Gradiva
- Condessa, I., Fialho, A. & Andrade, R. (2008). *O Projecto P.I.R.A.T.A.- C.B e as Expressões Artísticas na Educação Básica*.
- Da Fonseca, V. (1989). *Desenvolvimento humano: da filogénese à ontogénese da motricidade*. 12ª Ed. Lisboa: Editorial notícias
- Fortin, M. (1999). *O processo de investigação. Da conceção à realização*. [Trad. Salgueiro, N.] Loures: Lusociência.
- Haguette, T. (1987). *Metodologias qualitativas na sociologia*. 2ª Ed. Brasil: Editora Vozes, Ltda.
- Kamii, C. (2006). *A teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*. Instituto Piaget
- Le Boulch, J. (2001). *O Desenvolvimento Psicomotor. Do Nascimento até os 6 anos*. 7.ª Ed. Porto Alegre: ARTMED Editora.
- Le Boulch, J. (1988). *Educação Psicomotora na Idade Escolar*. 2.ª Ed. Porto Alegre: ARTMED Editora.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica.
- Montandon, C. (2005). As práticas Educativas Parentais e a experiencia das crianças. *Educação e Sociedade*, Campinas, 26(91), 485-507. Disponível em: <http://www.scielo.br>
- Muniz, B. S. (2005). *A importância da psicomotricidade no desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/7/BEATRIZ%20MUNIZ%20SCANSETTL.pdf>
- Neto, C. A. F. (1995). *Motricidade e Jogo na Infância*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- Papalia, D; Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.

Piaget, J. (1994). O juízo moral na criança. [Trad. Elzon L.]. (3.ªed) Summus Editorial.

Apêndices

Apêndice I – Grelha de observação direta (habilidades motoras finas)

Nomes	Consegue despir/vestir a boneca	Abre/fecha a os fechos	Abotoa/des abotoa botões	Prende /desprend e botões de mola	Consegue descalça/ calçar a boneca	Ataca os atacadores	Notas de campo
A							
B							
C							
D							
E							
F							
G							
H							
I							
J							

K							
L							
M							
N							
O							
P							
Q							
R							
S							
T							
U							
V							

W							
X							
Y							
Z							

Legenda:

N – Não

S – Sim

EA – Em aquisição

Apêndice II – Grelha de observação direta - notas de campo

Faixa etária do grupo: 5/6 anos

Espaço:

Data/ Hora	Observação/ Situação	Interpretação pessoal

Apêndice III – Documento informativo aos encarregados de educação

Assunto: Relatório de investigação

Aos pais,

Vimos por este meio dar a conhecer o objetivo da atividade da boneca Maria. Está a ser desenvolvido com o grupo um estudo no âmbito da prática de ensino supervisionada em Educação Pré-Escolar que tem como objetivo o desenvolvimento da autonomia e da motricidade fina, promovendo a importância para atividades escolares futuras. O objetivo da boneca Maria é fomentar a responsabilidade nas crianças, desenvolvendo, assim, a sua motricidade fina.

Assim, solicitamos a colaboração dos pais nesta atividade. A Maria irá a casa de cada criança nos dias sorteados para tal, com o propósito de praticarem e desenvolverem com ela habilidades motoras.

Agradecemos desde já a vossa compreensão e disponibilidade.

Olhão, __/__/____

A estagiária:

A educadora:

Apêndice IV – Consentimento informado aos encarregados de educação

Consentimento informado

Exmo. Encarregado de Educação

Sou estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Universidade do Algarve e estou a desenvolver a atividade da boneca Maria na sala dos 5 anos. A atividade consiste em três etapas: introdução da boneca no grupo, exploração da mesma em sala de atividades e em casa. As idas às várias casas têm como objetivo promover a autonomia e a responsabilidade das crianças, desenvolvendo a motricidade fina das mesmas, a colaboração das famílias é também um fator importante no desenvolvimento da atividade. Esta atividade está integrada no relatório realizado no âmbito da prática de ensino supervisionada (estágio), sendo nomeado como “Construção da autonomia: A importância do desenvolvimento da motricidade fina para aprendizagens escolares”.

Venho, por este meio, solicitar-lhe a autorização para fotografar/filmar o seu educando durante as atividades desenvolvidas. Estas fotografias e/ou vídeos serão utilizados apenas no âmbito académico, de forma a documentar toda a atividade no relatório realizado no âmbito da PES e será salvaguardada a identidade das crianças envolvidas.

Peço que assine, no respetivo sítio, caso conceda (ou não) a sua autorização.

Nome da criança	Autorizo	Não Autorizo
-----------------	----------	--------------

Olhão, __/__/____

Agradeço a sua atenção.

Com os melhores cumprimentos,

A estagiária:

Vera Caixinha

Apêndice V – Grelha de observação direta - primeira observação

Data: Semana de 2 a 4 de fevereiro

Nomes	Consegue despir/vestir a boneca	Abre/fecha os fechos	Abotoa/desabotoa botões	Prende/desprende botões de mola	Consegue descalça/calçar a boneca	Ataca os atacadores
A	S/N	S/S	S/S	S/S	S/S	N
B	S/EA	S/EA	EA/S	S/S	S/N	EA
C	S/EA	S/N	S/S	N/S	S/N	S
D	S/EA	S/S	S/S	S/S	S/N	N
E	S/S	S/S	S/S	S/S	EA/N	N
F	S/S	S/S	S/S	S/S	S/N	N
G	S/EA	S/S	EA/S	EA/S	S/N	N
H	S/S	S/S	EA/S	S/S	S/EA	N
I	S/EA	S/S	S/S	S/S	S/N	N

J	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	N
K	S/EA	S/S	S/S	S/S	S/S	N
L	S/N	S/S	S/S	S/S	S/N	N
M	S/S	S/S	S/S	S/S	S/EA	S
N	S/EA	S/S	S/S	S/S	S/EA	EA
O	S/S	S/S	S/S	S/S	S/EA	S
P	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S
Q	S/S	S/S	S/S	S/S	S/EA	S
R	S/S	S/S	S/S	S/S	S/EA	N
S	S/S	S/S	S/S	S/S	S/N	N
T	S/EA	S/S	S/S	S/S	S/N	N
U	S/EA	S/EA	N/S	S/S	S/EA	N

V	S/EA	S/N	S/S	N/S	S/N	N
W	EA/N	S/S	N/EA	N/S	S/N	N
X	S/S	S/S	S/S	S/S	EA/N	N
Y	S/S	S/S	S/EA	S/S	S/N	N
Z	S/S	S/S	S/S	N/S	S/N	N

Legenda:

N – Não

S – Sim

EA – Em aquisição

Apêndice VI - Grelha de observação direta – segunda observação

Data: Semana de 4 a 6 de maio

Nomes	Consegue despir/vestir a boneca	Abre/fecha a os fechos	Abotoa/desabotoa botões	Prende/desprende botões de mola	Consegue descalça/calçar a boneca	Ataca os atacadores	Notas de campo
A	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
B	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
C	S/S	S/S	S/S	S/S	S/EA*	S	*Revela ainda alguma dificuldade.
D	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	EA*	*Encontra-se na fase inicial – dificuldade em fazer o laço
E	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
F	S/S	S/S	S/S	S/S	S/N	N	
G	S/S	S/S	S/S	S/S	S/N	N	
H	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
I	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	EA*	*Encontra-se na fase inicial – ainda existe dificuldade em dar o laço

J	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	EA*	*Revela o conhecimento de todos os passos, mas ainda apresenta dificuldade em fazer o laço.
K	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	EA*	*Necessita de praticar um pouco mais a fase do laço.
L	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	EA*	*Encontra-se a praticar a fase de fazer o laço.
M	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
N	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	EA*	*Encontra-se ainda na fase inicial- intercalar os atacadores.
O	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
P	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
Q	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
R	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	EA*	*Encontra-se na fase inicial- intercalar os atacadores
S	S/S	S/S	S/S	S/S	S/EA	N	
T	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	N	
U	S/S	S/S	S/S	S/S	S/EA	N*	*Revela ainda alguma dificuldade

V	S/S	S/S	S/S	S/S	S/N	N	
W	S/EA	S/S	S/S	N/S	S/N	N	
X	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	N	
Y	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	S	
Z	S/S	S/S	S/S	S/S	S/S	EA*	*Encontra-se na fase inicial- intercalar os atacadores

Legenda:

N – Não

S – Sim

EA – Em aquisição

Apêndice VII - Nota de campo: dia 3 de fevereiro de 2015

Faixa etária do grupo: 5/6 anos

Espaço: Sala de atividades

Data/ Hora	Observação/ Situação	Interpretação pessoal
3 de fevereiro de 2015/ 11h40	Num dos momentos no espaço das almofadas, as crianças refletiram sobre o facto de a Maria ficar sozinha durante a noite e os fins de semana no jardim de infância, sugerindo que pudéssemos encontrar uma solução.	Esta situação foi utilizada para introduzir a estratégia da ida da Maria às várias casas.

Apêndice VIII - Nota de campo: dia 11 de março de 2015

Faixa etária do grupo: 5/6 anos

Espaço: Sala de atividades

Data/ Hora	Observação/ Situação	Interpretação pessoal
11 de março de 2015/ 10h56	Enquanto algumas crianças brincavam na área da biblioteca, incluindo a Maria nas suas brincadeiras, a criança x dirige-se a mim para pedir auxílio: - “Podes-me ajudar a calçar a Maria?” O sapato da Maria tinha saído do seu pé e a criança não estava a conseguir calça-lo sozinha.	A criança está entusiasmada com a presença da boneca Maria, incluindo-a nas suas brincadeiras e “cuidando” dela. Revela ainda algumas dificuldades a nível da motricidade fina e por isso necessita de algum auxílio.

Apêndice IX - Nota de campo: dia 17 de abril de 2015

Faixa etária do grupo: 5/6 anos

Espaço: Sala de atividades

Data/ Hora	Observação/ Situação	Interpretação pessoal
17 de abril de 2015	A criança que neste fim de semana ficava responsável pela Maria esqueceu-se dela no jardim de infância, pelo que se apercebeu quando chegou a casa. “Mãe esqueci-me da Maria. Fui um irresponsável.” Segundo a mãe da criança, ficou mesmo perturbada por ter-se esquecido da Maria, querendo voltar para a ir buscar, o que já não era possível visto que o jardim de infância já se encontrava fechado.	A situação mostra-nos a responsabilidade que o grupo sentia pela Maria. A criança em questão ficou desiludida consigo própria por ter “falhado” na sua tarefa de cuidar da Maria durante o fim de semana.

Apêndice X – Nota de campo: dia 20 de abril de 2015

Faixa etária do grupo: 5/6 anos

Espaço: Sala de atividades

Data/ Hora	Observação/ Situação	Interpretação pessoal
20 de abril de 2015/ 11h04	A Maria encontra-se na área da biblioteca. As crianças que escolheram esta área para brincar no período da manhã estão a contar histórias, à vez, à Maria.	A boneca Maria está incluída no dia-a-dia do grupo e não proporciona apenas desenvolvimento de competências motoras, mas sim um conjunto vasto de competências, pois as crianças interagem com ela a todos os níveis.

Apêndice XI – A boneca



Figura 6 - Boneca sem roupa vista de frente



Figura 7 - Boneca vista de trás



Figura 8 - Boneca com roupa



Figura 9 - Boneca com a mochila às costas

Apêndice XII – Acessórios da Maria



Figura 10 - Calças de fato de treino simples



Figura 11 -- Leggings



Figura 12 – Calças de fato de treino com cordão



Figura 13 – Calças de ganga



Figura 14 - Botão de mola e fecho das calças de ganga



Figura 15 - Camisola



Figura 16 - T-Shirt



Figura 17 - Camisola com botões



Figura 18 - Botões da camisola



Figura 19 - Casaco com fecho



Figura 20 - Casaco com botões



Figura 21 - Roupas interior



Figura 22 - Roupas interior



Figura 23 - Tênis cor de rosa com atacadores e fecho



Figura 24 - Tênis azuis com atacadores e fecho



Figura 25 - Cinto



Figura 26 - Acessórios para o cabelo

Apêndice XIII – “O meu livro”

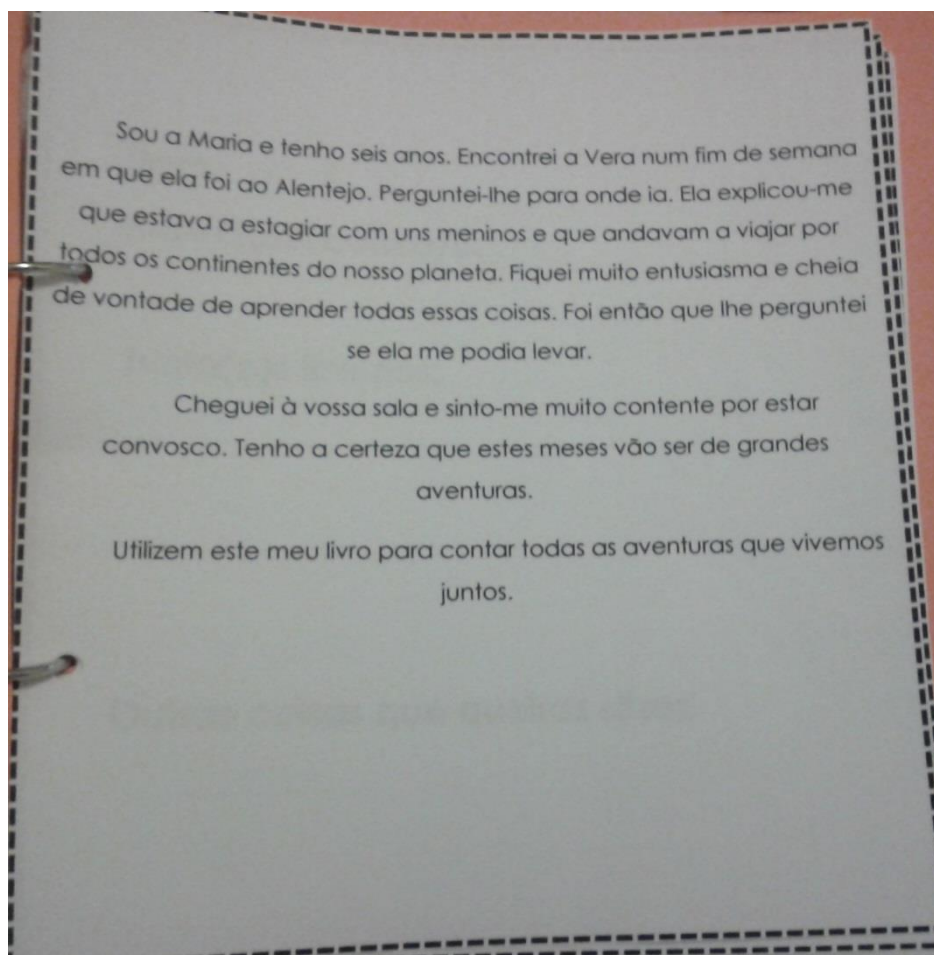


Figura 27 - Texto sobre a Maria

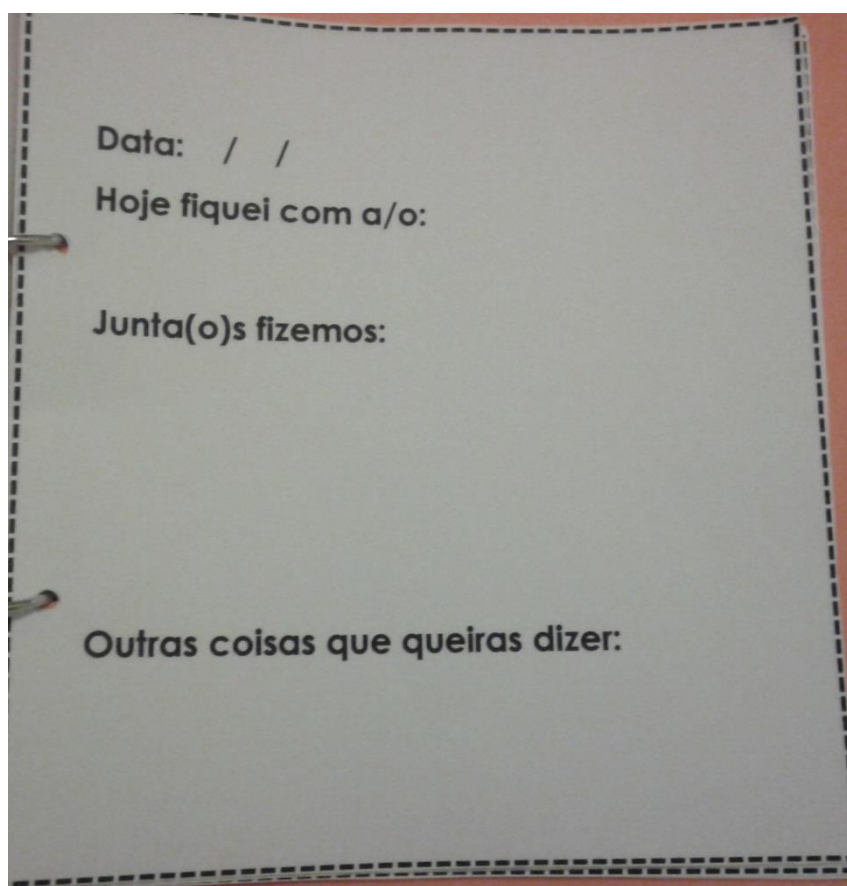


Figura 28 - Modelo das páginas do livro

Data: 10/2/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:



Outras coisas que queiras dizer:

Em la film, Maria quer dizer
Princesa dos Mares.

Figura 29 – Página 1

Data: 12/2/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:



maria

Outras coisas que queiras dizer:

maria linda

Figura 30 – Página 2

Data: 17/02/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

Eu e a Maria jogamos playstation, vimos televisão
lavei a Maria a jantar fora no dia das
namorados e à casa do
o meu amigo kinez gostou muito do colinho
da Maria demoramos muito Bem.

Outras coisas que queiras dizer:

Gosto muito dela, de dançar com ela e
de assustar a minha mãe com a Maria!

Figura 31 – Página 3

Data: 18/2/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos: A Maria chegou a minha casa e eu
fiz-lhe os sapatos. Ela esteve na minha cama e juntos
vimos o Reia. Depois de eu tomar banho fiz-lhe a sala.
Sequei o cabelo dela, fiz-lhe os olhos e pintei os seus cabelos.
Vestei uma roupa lavada para ela dormir. Fiz um belo jantar
com batatas fritas, salpicão, maca, à guisada, sopa de legumes
queque grande e mais 2 pequenos com ela. Como ela não tem
dentes e não sabe os dentes. Agora está a dormir. Boa noite
Maria!

Outras coisas que queiras dizer:



Figura 32 – Página 4

Data: 20/02/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

Quando chegamos a casa mudei-lhe a roupa e ela dormiu na minha cama. No sábado vimos televisão e brincamos no meu quarto. Ao jantar pedi a minha mãe para fazer lasanha porque a Maria me disse que gostava e eu também gosto. Mudei-lhe a roupa e voltou a dormir comigo. No Domingo Brincamos e

Outras coisas que queiras dizer:

Gostei muito de ter a Maria em minha casa e até o meu namorado brincou com ela.

Figura 34 - Página 5

Data: 23/2/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos: Eu fiz pãezinhos à Maria. Vimos Televisão juntas. Vimos a Princesa Sopa e o Quadro Encantado. Comemos barritas de cereal e um pão e gelatina. O jantar foi Sopa e empadas com arroz de ervilhas. Também comemos amêndoas.

A Maria usou um pijama da Maria que eu vesti. Lavamos os dentes juntas. Fomos dormir juntas na minha cama.

No dia seguinte tomamos o pequeno-almoço e vestimo-nos juntas. Depois penteamo-nos juntas. A Maria ficou em casa. Amanhã vou levar a Maria para a escola para outro menino.

Outras coisas que queiras dizer: Gosto muito da Maria. Ela é um coração muito vermelho.

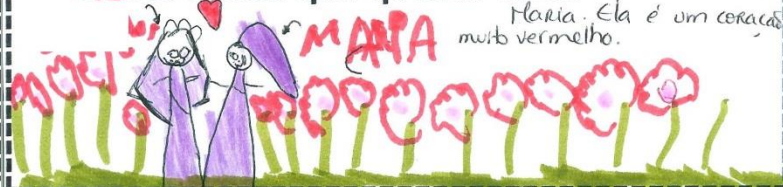


Figura 33 - Página 6



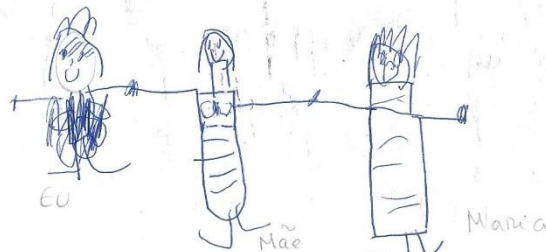
Maria, não sejas moneta! É hora de dormir!

Figura 35 - Verso página 6

Data: 26/2/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:



Outras coisas que queiras dizer:

Gostei muito da companhia da Maria, com ela aprendi algumas coisas como desabotoar, colocar os cordões nas sapatinhas e outras coisas mais, mas preciso praticar mais. A Maria é uma boa companheira de brincadeiras. Gosto muito da Maria!

Figura 36 - Página 7

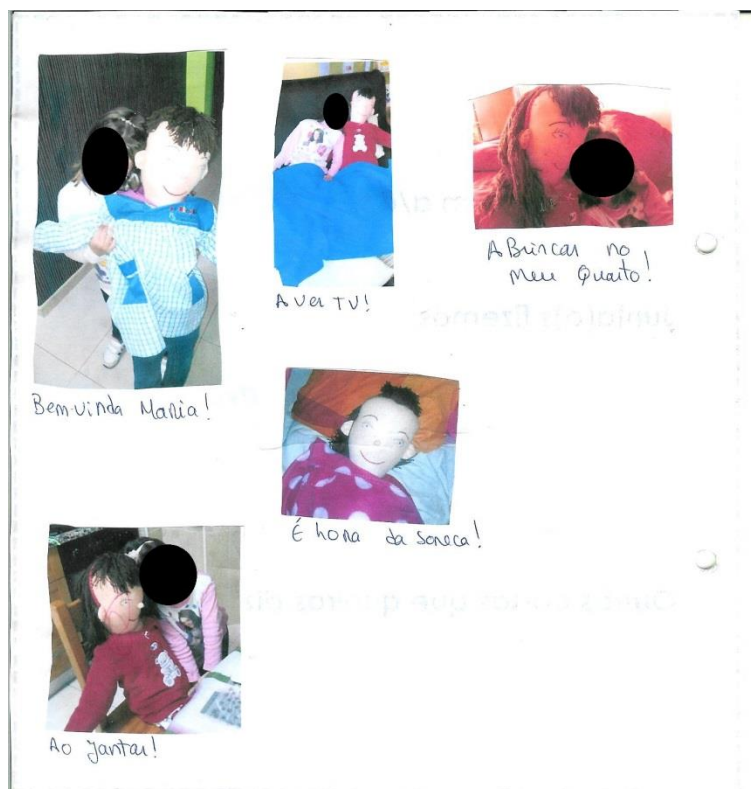


Figura 37 – Verso página 7

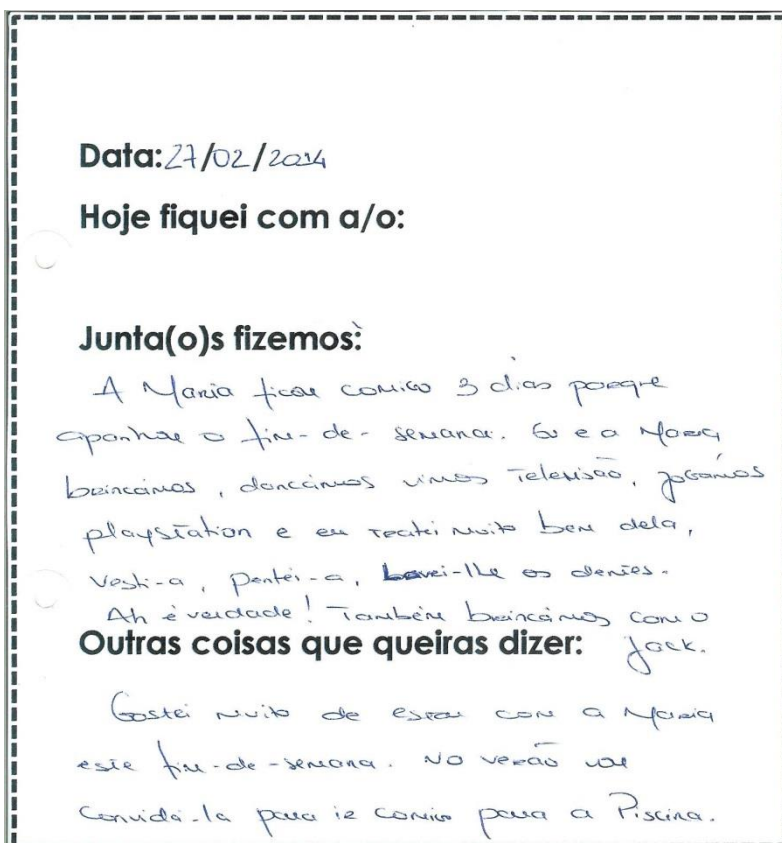


Figura 38 – Página 8

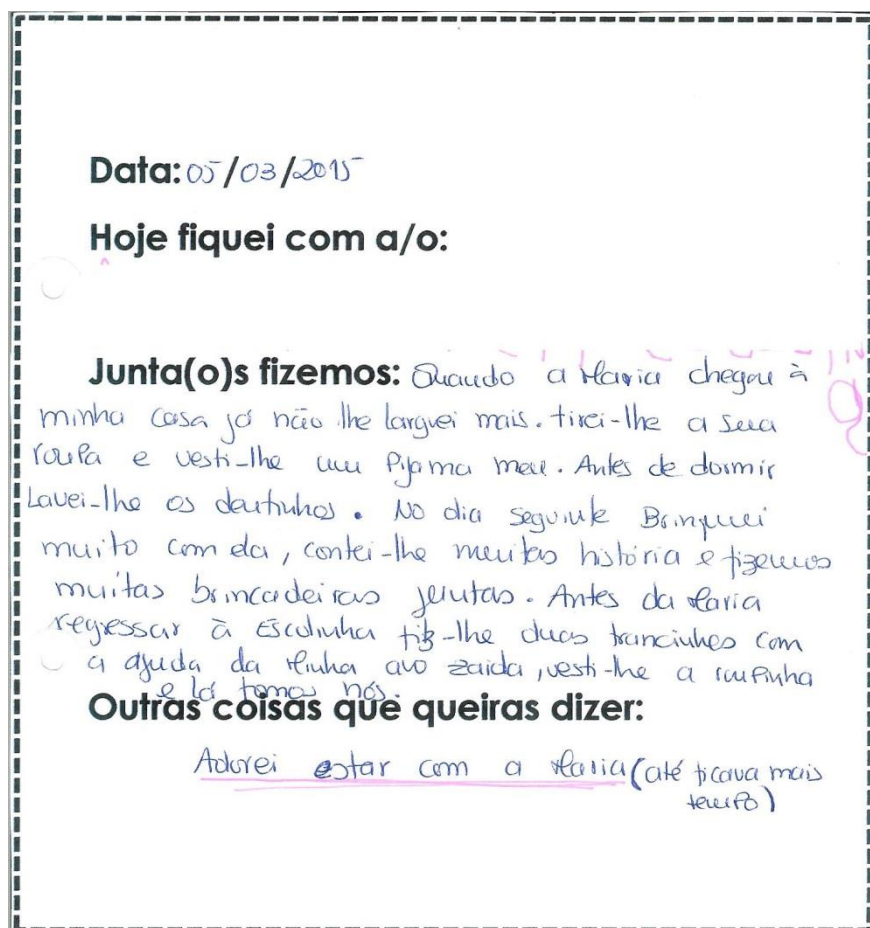


Figura 39 – Página 9

Data: 6 / 5 / 2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

Quando chegamos na sexta-feira a casa, a Maria ajudou a minha mãe a fazer uma das minhas comidas preferidas, Espaguete à carbonara. A Maria fanteu conosco e também gostou! Depois de jantar lavei-lhe os dentes, pentei-lhe o cabelo e vesti-lhe um pijaminha, intimo, super gostinho. De seguida brincamos no meu quarto, o meu irmão contou-lhe uma história e quando chegou a hora de dormir fiz uma caminha para dormir no nosso quarto. Quando estava a preparar o colchão foi picado por uma abelha, inacreditável que estava no meu quarto! Deu-me indigesto e a Maria ficou assustada e preocupada! A minha mãe tratou de mim e depois fomos todos para a caminha. No sábado de manhã brincamos com ela e vesti-lhe uma roupa e depois de almoço foi passear comigo, com o meu pai e o meu irmão a Faro, fomos ao castelo. Depois veio a Maria a conhecer os meus avós paternos. Jantamos com eles e dormimos lá. No domingo vesti

Outras coisas que queiras dizer:

Gostei muito de ter passado o fim de semana com a Maria. O meu irmão também gostou muito dele.

A Maria brincamos com o meu irmão na casa dos avós e almoçamos conosco. Depois de mais para a minha casa, mostrei-lhe as cartas dos iniciais e ensinei miniskate. A seguir ao jantar preparámos a modinha e batiz para amanhã ir para a escola.

Figura 40 – Página 10

Data: 9 / 3 / 2015
 Hoje fiquei com a/o:



Junta(o)s fizemos:

A Maria veio ao meu lado no carro da mãe, ajudou a colocar o cinto de segurança à Maria. Quando chegamos a casa comemos cereais, vimos TV, brincamos e jogamos ao TABLET. A Maria disse que gostava de jantar panados e esparguete, a mãe disse que podia ser e então nós ajudamos a mãe. A Maria gostou antes de ir dormir vestimos o pijama (eu pretei à Maria) e lavamos os dentes e fomos para a cama, estudamos a brincar um pouco na cama até adormecer. Ao acordar tomamos o pequeno almoço joguete, banana e bolachas. Quando cheguei

Outras coisas que queiras dizer:

Gostei muito de ter a Maria em casa!
 * da escola a Maria estava à minha espera brincamos e fizemos pinturas juntos. Dei uma bates à Maria pois as delas estavam pequenas. Divertimo-nos muito, A Maria e eu ficamos doentes apanhamos uma virose. Então a Maria ficou mais uns dias comigo, para ficar Boa.

Figura 41 – Página 11



Figura 42 – Verso página 11

Data: 16/03/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

A Nôia no dia que veio Ceuigo para casa
fez corrigio ao meu.

Quando chegou a casa vesti o meu pijama
e ajudei a Nôia a vestir o ddi. A minha
mãe chamou-nos para jantar e a Nôia
sentou-se ao meu lado e começou a falar
assado, quando terminamos lavámos os dentes
as mãos e a boca. Chegou a hora de dormir
e a Nôia dormiu Ceuigo. No dia seguinte
a Nôia viu televisão Ceuigo e jogou playstation.

Outras coisas que queiras dizer:

Adorei estar com a Nôia e gostava
que ela visse novamente para a minha
casa.

ADOREI ESTAR COM A NÔIA
MARIA

Figura 43 – Página 12

Data: 19/3/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

Brincámos aos médicos, vimos televisão,
jantámos juntos, mostrei-lhe os meus
brinquedos e ajudei-a nas tarefas de
se vestir, calçar. Adorei dormir com a
Mauá e adorei a sua companhia.

Outras coisas que queiras dizer:

Sei que a Mauá também gostou
muito de estar na minha casa
e na minha companhia.
Ela também adorou conhecer o meu cão bebé.



Figura 45 – Página 13

Figura 44 – Verso página 13

Data: 20/3/2017

Hoje fiquei com a/o:



Junta(o)s fizemos:

A Maria veio comigo na sexta-feira, brincámos juntos,
jantámos e vimos um pouco de televisão.
Fiz a cama da Maria no meu quarto, dentro de uma tenda e
vesti-lhe um pijama do SpongeBob.
Ela comes conosco todas as refeições e portou-se muito bem.
No sábado, a Maria foi comigo almoçar na casa dos
meus avós e jantar na casa de com a , a
e o

Diverti-me muito com a Maria, brincámos, saltámos na
cama elástica e brincámos.

Outras coisas que queiras dizer:

No Domingo a minha mãe fez as brincadeiras da Maria
e colocamos uns laços que a minha tia Sónia nos deu.

Gostei muito de estar com
a Maria.

Figura 46 – Página 14



Figura 47 – Verso página 14

Data: 23/3/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

Na segunda-feira a Maria brincou connosco depois fomos jantar, fomos ver bonecos, lavámos os dentes e fomos dormir. No dia seguinte acordámos fomos vestir (as) para ir para a escola. A Maria ficou em casa com a minha irmã, elas as duas foram ver bonecos, e quando (as) nós chegámos a já e a Maria foram para o quarto pintar as unhas e

Outras coisas que queiras dizer:

Nós todos aqui em casa adorámos estar com a Maria. bi. brincar com os carros.

Figura 48 – Página 15

Data: 25/03/15

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

A maria passou 2 dias comigo, foi muito divertido. Chegámos eu e a maria, trouxe-lhe a roupa, e fomos brincar. Mostrei-lhe os meus brinquedos e o meu quarto. Depois fomos jantar. A seguir eu e a maria fomos um pouco de telemóvel até a minha mãe pôr na cama, contou-nos uma história e adormecemos. Também fomos lavar a loiça e o café.

Outras coisas que queiras dizer:

Foi uma experiência boa porque sou eu filha única, parecia que eu tinha uma irmã.

Figura 49 – Página 16



Figura 50 – Verso página 16

Data: 27/03/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos: Passamos o fim de semana com os avós. Vimos televisão juntas, eu, a tia e a avó. Trocámos a minha roupa. Brincámos muito. Esta noite (domingo) vou dormir na cama da avó.

Outras coisas que queiras dizer:

Foi muito divertido estar na casa da avó e da tia. Gostava de estar mais dias.

Figura 51 – Página 17

Data: 30/3/2015.

Hoje fiquei com a/o:



Junta(o)s fizemos:

Hoje fiquei com o tio. Vimos televisão, brincámos com o comboio de madeira, fantasma e até brincámos com a sua cadela Zueca. O tio e a sua irmã vestiram-me o pijama laváramos os dentes e fomos para a cama dormir.

Outras coisas que queiras dizer:

Gostei muito de passar estes dois dias com a tia e o tio.

Figura 52 – Página 18



Figura 53 – Verso página 18

Data: 1/4/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

Fu e a Maria fizemos muitas coisas juntos neste fim de semana da Páscoa. (Quinta - sexta - Sábado e Domingo) levei a Maria a passear a Espanha. ^{visitei a} jantar em casa dos meus avós paternos, Conhecer a minha avó materna, Também a levei a um restaurante a festa de aniversário do pai da minha amiga e também foi passar uma tarde comigo em casa da minha amiga/collega almoçamos e depois deitamos a Maria numa espreguiçadeira e nós fomos para a piscina enquanto ela ficou a bronzear-se.

Outras coisas que queiras dizer:

Tratamos muito bem a Maria cá em casa, acho que ela gostou. Tal como prometemos, a Mãe lhe deu muitas arrédoas da páscoa, nem começou muito falar!

Figura 54 – Página 19

Data: 7/4/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

Quando cheguei a casa com a Maria fui logo mostrar a casa a ela, para se sentir à vontade, brincamos juntas, e vimos o my little pony. depois fomos jantar arroz e carne, a Maria como não gostava comeu arroz, de seguida fui mudar de roupa à Maria para mais tarde irmos dormir, vimos mais bonecos e brincamos, como já estava tarde lavamos os dentes e fomos para a cama, no dia seguinte brincamos e fomos um pouco à escola.

Outras coisas que queiras dizer:

Gostava de levar a Maria ao baloiço e ao esplanada e também ao Ric Shopping. Adorei receber a Maria na minha casa.

Figura 55 – Página 20

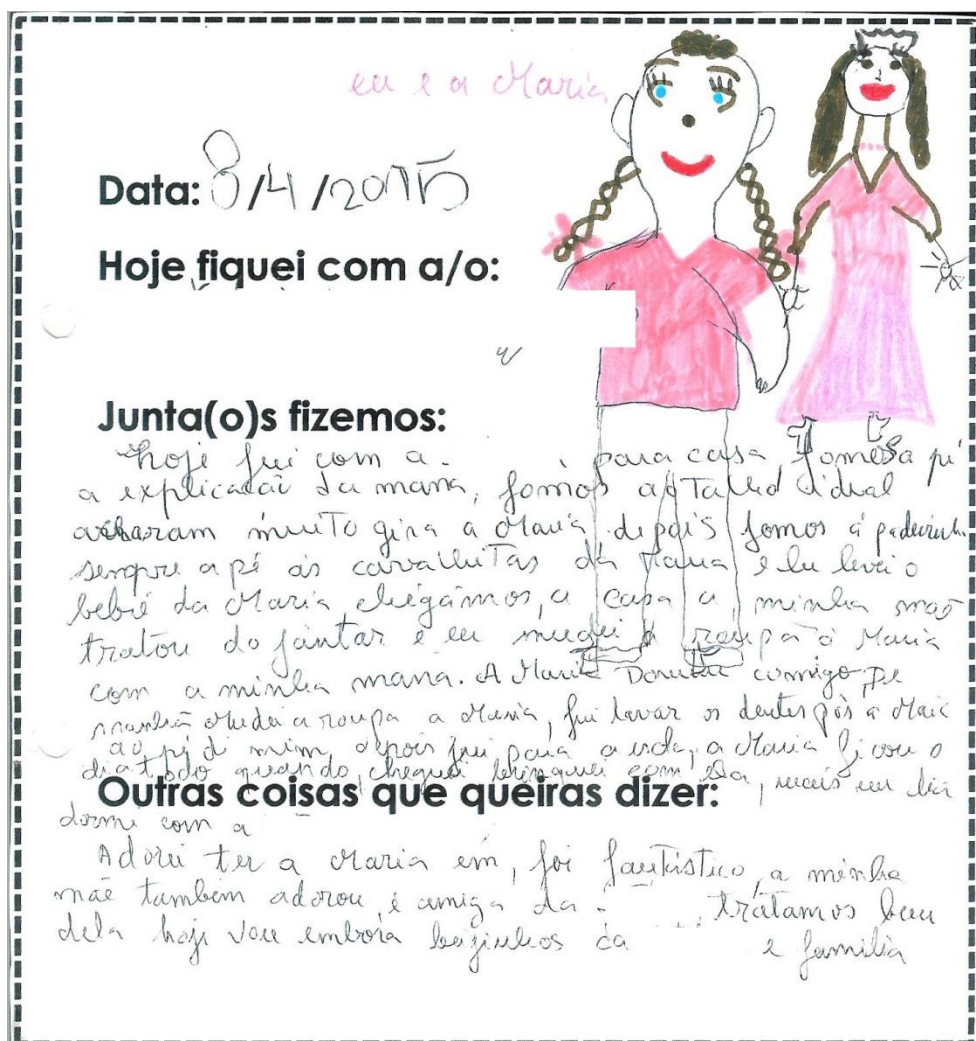


Figura 56 – Página 21

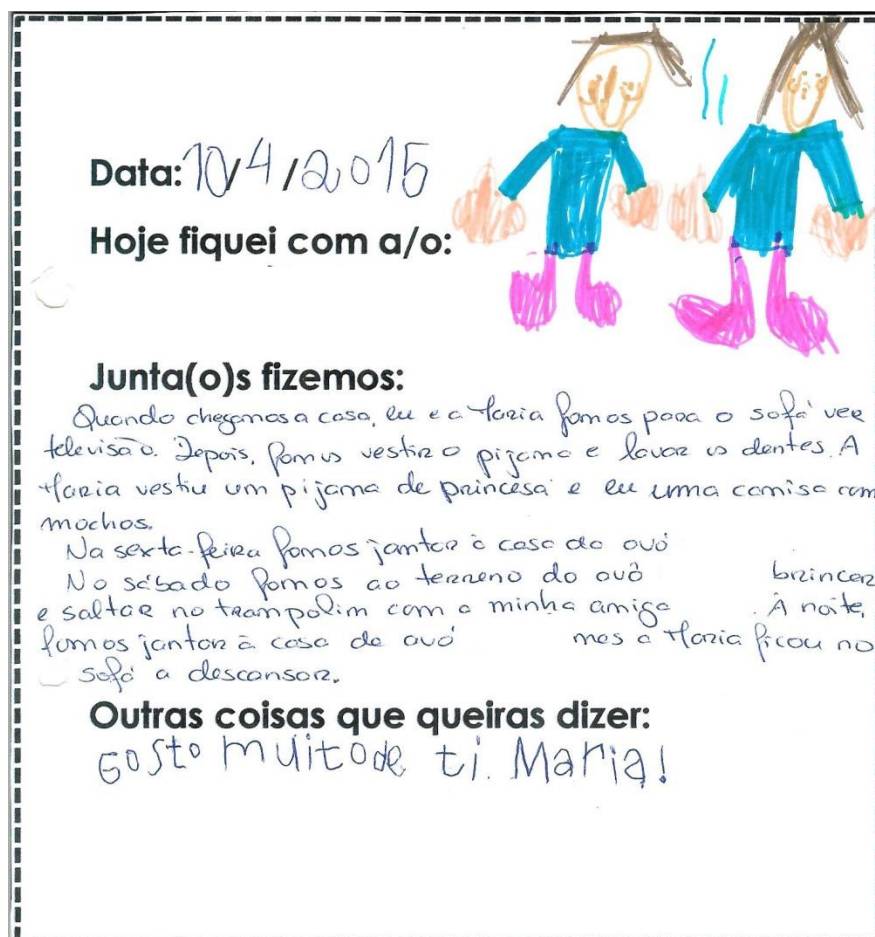


Figura 57 – Página 22



Figura 58 – Verso página 22

Data: 13/4/2015

Hoje fiquei com a/o:

Junta(o)s fizemos:

Quando trouxe a Maria para casa, mal chegámos, fomos ver televisão. Na hora de jantar, ela esteve sempre comigo e até acho que gostou da comida. Depois vesti-lhe o pijama do meu mano e fomos deitar-nos. Gostei muito de dormir com a Maria. De manhã a Maria estava muito preguiçosa para se levantar. vesti-lhe a roupa e levei-a de volta para a escola.

Outras coisas que queiras dizer:

Gostei muito de ter a Maria cá em casa. Houve uma noite que a Maria caiu da cama. Deve ter tido um sono agitado.

Figura 59 – Página 23

Data: 15/04/2015

Hoje fiquei com a/o: ~



Junta(o)s fizemos:

A Maria veio no meu carro para minha casa. O meu mano ficou muito surpreso quando a viu. Ele juntou a mesa comemos; dei-lhe banho; escovei-lhe os dentes e jogou no computador comigo. O mano ajudou sempre a cuidar da Maria. Ele dormia na minha cama para não se sentir só. No dia seguinte nós jogámos futebol e construímos um jogo com vários materiais.

Outras coisas que queiras dizer:

Fiquei muito contente e achei giro ter a Maria cá em casa. O meu mano ficou entusiasmado e andou sempre a ajudar. Foi engraçado como se fosse uma prima.

Figura 60 – Página 24

Data: 22/04/2015

Hoje fiquei com a/o:



Junta(o)s fizemos:

Quando trouxe a minha amiga Maria Para casa fiquei muito feliz. Nestes dois dias fizemos inúmeras coisas juntas, fui até mostrar a casa nova enquanto a minha mãe fazia o jantar. Depois Jantamos Beicadinho com Biscoito que a Maria doou. De seguida fomos brincar com os meus Brinquedos, vimos as Tantasas e depois como comemos muito fomos fazer um pouco de exercício na Bicicleta de minha mãe, como já estava a ficar tonta fomos lavar as dentes, Tomar Banho e vestir os pijamas e fomos para a Cama. Depois abraçados um ao outro a noite a noite. Depois de manhã vesti-me a roupa para ir para a escola.

Outras coisas que queiras dizer:

Muito Obrigada Por teres me deixado Trazer a Maria Para a minha casa. Fui muito Responsável com ela, Porque ela é como se fosse minha irmã. Adoro-te Maria.

Figura 61 – Página 25



Figura 62 – Verso página 25